

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 3

Março de 1915

Ano LXVII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*

Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL

pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diario de Noticias, 110 — Lisboa

## CRÓNICA DO EXERCITO ESPANHOL

### 1—Contingente a incorporar em 1915 e efetivo do pé de paz

Ainda que no projecto apresentado ás camaras fosse fixado em 70.000 o numero de recrutas a incorporar em 1915, é certo porém que no quadro de distribuição dos recrutas pelas diferentes unidades e estabelecimentos militares, e que foi publicado na *real circular* de 15 de dezembro ultimo, esse numero é reduzido a 55.356 recrutas.

Damos em seguida num quadro essa distribuição pelas diferentes regiões de corpos d'exercito, ilhas Baleares e Canarias, e pelas praças de Ceuta, Melilla e Larache.

### Quadro da distribuição dos recrutas em 1915

| Regiões                     | Infantaria | Cavalaria | Artilharia | Engenharia | Intendencia | Saude Militar | Totais gerais |
|-----------------------------|------------|-----------|------------|------------|-------------|---------------|---------------|
| 1. <sup>a</sup> região..... | 5.532      | 810       | 800        | 1.095      | 300         | 110           | 8.647         |
| 2. <sup>a</sup> » .....     | 5.580      | 945       | 395        | 300        | 300         | 60            | 7.580         |
| 3. <sup>a</sup> » .....     | 2.829      | 100       | 380        | —          | 40          | 30            | 3.379         |
| 4. <sup>a</sup> » .....     | 2.580      | 620       | 510        | 255        | 60          | 40            | 4.065         |
| 5. <sup>a</sup> » .....     | 1.280      | 450       | 540        | 100        | 50          | 20            | 2.440         |
| 6. <sup>a</sup> » .....     | 1.490      | 590       | 540        | 310        | 50          | 25            | 3.005         |
| 7. <sup>a</sup> » .....     | 720        | 280       | 130        | —          | 40          | 15            | 1.185         |
| 8. <sup>a</sup> » .....     | 640        | 120       | 290        | —          | 40          | 15            | 1.105         |
| Baleares.....               | 840        | 80        | 760        | 95         | 14          | 13            | 1.802         |
| Canarias.....               | 710        | 70        | 400        | 95         | 16          | 11            | 1.302         |
| Ceuta.....                  | 3.250      | 530       | 910        | 420        | 300         | 100           | 5.510         |
| Melilla.....                | 8.120      | 1.055     | 1.610      | 550        | 1.000       | 116           | 12.451        |
| Larache.....                | 420        | 200       | 250        | 190        | 250         | 40            | 1.350         |
| Total.....                  | 33.991     | 5.850     | 7.515      | 3.410      | 2.460       | 595           | 53.821        |

Ha ainda a contar com 1.443 recrutas, que são destinados a preencher as baixas, que se dão nos depositos de reserva de cavalaria, artilharia, engenharia, na escola superior de guerra, nas academias de infantaria, cavalaria, artilharia, engenharia e intendencia, na escola central de tiro, na escola de equitação, na escolta real, nas secções de ordenanças do ministerio da guerra, na remonta d'artilharia, etc.

—Para a brigada topografica do estado maior são destinados 92 recrutas que são fornecidos pela 1.<sup>a</sup> região.

Nem todos os recrutas são encorporados no continente, sendo alguns, como vimos, destinados ás unidades destacadas em Africa.

Ha regimentos que encorporam uma parte dos recrutas na península, e a outra parte vai para os batalhões destacados em Africa.

—Os recrutas destinados ás unidades que estacionam em Africa são voluntarios, e, quando o numero destes não chegue, procede-se então ao sorteio, que se faz em sessão publica.

São, porém, permitidas as trocas de numeros.

A apresentação dos recrutas nos *districtos de recrutamento (Cajas de reclutas)* teve logar nos dias 10, 11 e 12 de janeiro.

Os recrutas, ao apresentarem-se nos districtos de recrutamento, são então inspecionados por medicos militares, sendo nesta ocasião classificados para as armas e serviços. Depois é que são distribuidos pelos corpos e marcham a encorporar-se, quando são convocados

Os recrutas que se não apresentam são considerados *desertores* e são destinados ás guarnições de Africa, logo que sejam capturados.

Só aos recrutas que pagam *quota militar* lhe é permitida a escolha de corpo.

\*

\* \*

Em harmonia com o orçamento da guerra, as camaras votaram *oefectivo do pé de paz* para 1915, sendo publicado no *Diario Oficial* de 19 janeiro os efectivos das diferentes uni-

dades, em homens e solipedes, como se vê do quadro seguinte:

| Armas, serviços, etc.                 | Homens  | Cavalos de |       |               | Muares de |       | Totais de solipedes |
|---------------------------------------|---------|------------|-------|---------------|-----------|-------|---------------------|
|                                       |         | Sela       | tiro  | cobri-<br>ção | tíro      | carga |                     |
| Infantaria .....                      | 77.953  | 820        | —     | —             | 550       | 2.323 | 3.693               |
| Cavalaria.....                        | 16.519  | 13.779     | 642   | 575           | 100       | 100   | 15.196              |
| Artilharia.....                       | 21.294  | 2.429      | 5.487 | 95            | 284       | 2.365 | 10.660              |
| Engenharia.....                       | 9.787   | 406        | —     | —             | 374       | 688   | 1.468               |
| Intendencia.....                      | 5,341   | 296        | —     | —             | 1.095     | 1.849 | 3.240               |
| Saude militar.....                    | 2.245   | 95         | —     | —             | 273       | 330   | 698                 |
| Brigada topog. <sup>ca</sup> E. M.    | 484     | —          | —     | —             | —         | —     | —                   |
| Estabelecim. <sup>tos</sup> de instr. | 1.231   | 720        | 30    | —             | 48        | 79    | 877                 |
| R. C. de alabardeiros..               | 260     | 3          | —     | —             | —         | —     | 3                   |
| Esquad. de escoltareal..              | 210     | 181        | —     | —             | —         | —     | 181                 |
| Ordenanças do M. G..                  | 318     | 206        | —     | —             | 1         | —     | 207                 |
| Tropas de Africa.....                 | 6.533   | 1.935      | 24    | —             | 10        | 193   | 2.162               |
| Total.....                            | 142.175 | 20.870     | 6.183 | 670           | 2.735     | 7.927 | 38.385              |

Ha ainda o corpo de invalidos, que tem 538 homens e a penitenciaria militar de Mahon, que tem um quadro de 162 homens.

O efectivo votado e decretado é portanto um pouco diferente do que tinhamos indicado na nossa ultima crónica <sup>1</sup>

—Notaremos que só um regimento de infantaria tem o efectivo de 1.038 homens; ha quatro (Rey, Léon, Asturias e Otumba) com o efectivo de 1.000 homens cada um; e que os outro regimentos teem efectivo variando de 400 a 600 homens. Os quatro batalhões de caçadores, que constituem a 3.<sup>a</sup> brigada, teem 400 homens cada um.

Os 116 batalhões da 2.<sup>a</sup> reserva teem 232 homens; os 116 districtos de recrutamento teem 348 homens; as 54 zonas de recrutamento, 177 homens

Os regimentos expedicionarios é que teem maior efectivo, havendo alguns com mais de 2.000 homens.

Na cavalaria, os 4 regimentos da divisão independente teem

<sup>1</sup> Veja-se o numero 11 da *Revista*, pag. 802.

Torna-se ainda indispensavel corrigir a designação—*efectivo de guerra*—, que deve ler-se—*efectivo do pé de paz*.

469 homens e 427 cavalos de sela cada um; e os 2 regimentos reforçados teem 509 homens e 468 cavalos de sela! os outros regimentos teem menos efectivos.

Os três regimentos de Africa teem mais de 1.000 homens e 950 cavalos de sela.

Na artilharia os onze regimentos montados tem cada um o efectivo de 512 homens, 100 cavalos de sela e 328 de tiro.

Na engenharia os quatro regimentos de sapadores teem cada um 537 homens: o regimento de telegrafistas tem 626 homens; o regimento de caminhos de ferro tem 1.252 homens; a companhia aeronautica tem 206.

O actual ministro da guerra pretende elevar ainda mais os efectivos do pé de paz das unidades, que em certas epochas do ano pódem ter efectivos proximos do pé de guerra, para assim poder ser mais eficaz a instrução dos officiaes.

O material tem sido ultimamente renovado e augmentado, trabalhando-se afanosamente para que os depositos de material de cada região de corpo d'exercito tenham as reservas necessarias para a mobilisação.

A actividade com que se trabalha nas fabricas mostra com toda a evidencia que a Espanha, ainda que tendo-se declarado neutral perante a actual conflagração européa, comtudo prepara-se para qualquer intervenção armada.

Não tenhamos a este respeito a menor duvida, nem nos deixemos iludir por promessas diplomaticas, pois a diplomacia é muito conhecida da mentira. As conveniencias políticas de ocasião dominam num dado momento toda a idéa de sentimentalismo.

## II — A redução dos limites de idade. Alterações introduzidas nos projectos de lei pela comissão parlamentar

Nem todos os projectos de lei apresentados ao parlamento pelo ministro da guerra, general Echague, foram recebidos com aplauso pelo exercito, como ao principio se supunha, e, mais que todos, o que tem encontrado maior opposição é o da *redução dos limites de idade*.

Como a perda das colonias, apoz lutas muitas vezes heroicas, trouxera um aumento nos quadros do exercito da metropole de grande numero de officiaes, regressados dos quadros

ultramarinos, isto deu lugar a uma paralisação nas promoções, donde resultou o *envelhecimento* dos quadros. Assim, muitos dos officiaes que occupam os primeiros numeros nas escalas das diversas armas, estão em geral avançados em idade, de forma que a redução dos limites de idade vem cortar por completo a carreira a muitos destes officiaes, apesar de terem permanecido 18 e 20 años num mesmo posto. São desta fórma obrigados a abandonar o serviço activo sem verem coroados os seus desejos, que era ser reformados em melhores condições.

Grande numero desses officiaes prestaram serviços relevantes ao seu país, tomando parte em varios combates, recebendo até ferimentos graves; e agora, no ultimo quartel da sua vida vêm-se *empurrados* para fóra dos quadros activos pelos *novos*, que não querem envelhecer nos postos inferiores. Daqui resulta uma luta de interesses e de odios, que muito afecta os laços da disciplina e da bôa camaradagem.

Os que se sentem atingidos pelo projeto de lei levantam protestos clamorosos; mas os que desejam *subir*, evocam, por seu turno, os altos interesses do exercito e da nação, pois que consideram de uma urgente necessidade a eliminação dos elementos *pesados* dos quadros, elementos sem capacidade de resistencia fisica e intellectual que os modernos exercitos exigem, e por isso pedem a redução dos limites de idade e provas de capacidade profissional para a promoção, negando que hajam direitos adquiridos para a promoção aos postos superiores.

Por outro lado a questão financeira é evocada por muitos, pois já hoje se dispende com os officiaes colocados fora dos quadros activos a respeitavel verba de onze milhões de pesetas!

Os que pretendem provar que a idade nem sempre é um indice seguro do grau de resistencia física e intellectual, apresentam como exemplos os generais Joffre, Castelnau e Pau do exercito francês, e os generais Moltk, Voigth Retz e outros do exercito alemão, que tantas provas deram da sua grande envergadura intellectual.

Não admira, pois, que perante esta luta de interesses, até certo ponto respeitaveis, o general Echague se encontre algo embaraçado.

A propria comissão parlamentar de guerra já introduziu algumas modificações no projecto ministerial.

A comissão fixou para limites de idade dos tenentes-coroneis e majores 56 anos (em lugar de 54 que se fixava para os majores), para os capitães 52 (e não 50) e para os 1.<sup>os</sup> e 2.<sup>os</sup> tenentes 47 (e não 45), alterando assim os limites da proposta ministerial.

Ainda propôz outra alteração, que consiste na concessão da cruz de S. Hermenegildo e respectivas pensões aos oficiais transferidos para o quadro da reserva especial durante o tempo que lhes falte para atingirem os antigos limites, podendo ainda ser promovidos aos postos imediatos, se durante esse tempo esses postos lhes pertencessem no caso de estarem no quadro activo.

O tempo de comando de tropas que se exige para promoção é reduzido a 2 anos consecutivos ou a 3 interpolados, e ainda se considera como equivalente a comando de tropas os serviços técnicos prestados nas fabricas, oficinas e estabelecimentos análogos, de modo a evitar que os oficiais sejam desviados dos serviços técnicos por um periodo de 2 ou 3 anos, o que viria prejudicar esses serviços e sem vantagens para o estado. Isto equivale a dar um certo character de permanencia aos oficiais desempenhando serviços técnicos especiais. Este principio é hoje seguido em quasi todos os países, e muito seria para desejar que fôsse observado no nosso exercito, porque é evidente que o official que consagrou a maior parte da sua carreira ao serviço das fabricas, serviço que exige aptidões especiais e laboriosos estudos, perdeu os habitos do comando.

Tambem a comissão de guerra assentou como principio que o posto de capitão-general só será dado em tempo de guerra por feitos distintos. Provisoriamente admite a existencia de um capitão general.

As minorias exigem, porém, reformas mais profundas na organização do exercito, e parece que o ministro da guerra aceitou em principio algumas das reformas, para que as minorias não criem embaraços á aprovação das reformas ministeriais, comprometendo-se a introduzi-las em ocasião oportuna.

Assim, o conde de Romanones considera indispensavel a reorganização do *estado maior*, a reorganização das *reservas*, a fixação de quadros, a aquisição do material necessario para a mobilização do exercito, uma lei de requizições de animais e veículos, a aquisição de terrenos para campos de tiro, a na-

cionalização das industrias militares e que se realizem anualmente grandes manobras.

O general Echague já tomou resoluções, tendo em vista a satisfação dalgumas destas reconhecidas necessidades.

Aceitará sem clamores o exercito a redução dos quadros?

Parece que não, pois que ouvem-se já esses clamores queixando-se os officiaes, que eles são as unicas vítimas, quando se trata de economias. E' assim que eles dizem que de 1880 para cá, os quadros tem sofrido continuas reduções, e apresentam para exemplo, o que se tem passado com a infantaria, em cujo quadro tem havido uma redução de 71 coroneis, 129 tenentes-coroneis, 395 majores, 369 capitães, 363 1.<sup>os</sup> tenentes e 359 2.<sup>os</sup> tenentes.

O numero de officiaes de infantaria do quadro activo, era em 1900 de 7:234, e em 1914 estava reduzido a 5:618.

Ao passo que se reduzem os quadros no exercito, aumenta-se consideravelmente o numero de funcionarios civis, e de categoria, nos outros ministerios, e com pingues vencimentos.

A supressão do posto de capitão-general, tambem tem dado logar a alguns reparos, e o mais interessante é que tal supressão traz como consequencia o deixar o exercito de ter representação de direito no parlamento, sendo certo que a todas as outras classes sociais esse direito é garantido.

Apezar das varias considerações que a imprensa tem feito ás propostas do ministro da guerra, é certo porém, que elas foram aprovadas (com as modificações introduzidas pela comissão) pelo Congresso, não tendo as minorias, ainda as mais avançadas, creado dificuldades ao governo, abstendo-se mesmo de discuti-las. Todos consideram tal acto como uma eloquente prova de acendrado patriotismo, pois não era conveniente que neste momento o orçamento do ministerio da guerra e as respectivas reformas fôsem analizadas, tornando-se assim do dominio publico, as verbas destinadas á aquizição de material, ao desenvolvimento intensivo das fabricas e oficinas; e talvez mesmo se pretendesse evitar que fôsem conhecidas as deficiencias que havia no organismo militar, e que não eram de rapido e facil remedio.

E' certo, pois, que o Congresso na sessão de 18 de dezembro ultimo, aprovou por aclamação o orçamento da guerra, e o mesmo fez o senado em sessão de 21.

Esta resolução foi em parte obtida, graças á influencia que o general Echague tem no exercito pela sua grande elevação de caracter.

### III — Os depositos de cobrição

Nestes ultimos anos tem tomado grande desenvolvimento e importancia os postos de cobrição, tendo por fim melhorar as raças equinas da peninsula, e em especial obter melhores produtos para o exercito. Atualmente a Espanha possui seis depositos de cobrição, além do que é especialmente destinado á artilharia, e de um deposito de eguas.

Indicaremos num resumido quadro o numero de cavalos de cobrição, de eguas que se apresentaram nos postos, das que foram cobertas e dos fins especiais a que são destinados os produtos pela classificação dada ás egoas.

As egoas cobertas eram de raças diversas: *arabe, anglo-arabe, espanhola, inglêsa, ispano-inglêsa, ispano-anglo-arabe, anglo-normanda, anglo-bretão, percheron, anglo-Norfolk, Orlow-Rischard, Orlow-Rostopchine, Norfolk-bretão e bolonhez.*

| Depositos de cobrição                       | Cavalos de cobrição | Egoas que se apresentaram | Egoas cobertas |              |             | Total  |
|---|---------------------|---------------------------|----------------|--------------|-------------|--------|
|   |                     |                           | Sela           | Tiro ligeiro | Tiro pesado |        |
| 1.º Deposito—Jerez de la Frontera . . . . . | 84                  | 3:770                     | 3:532          | 81           | —           | 3:613  |
| 2.º » —Cordova . . . . .                    | 60                  | 2:352                     | 2:204          | 49           | —           | 2:253  |
| 3.º » —Baeza y Canarias . . . . .           | 88                  | 3:090                     | 2:749          | 56           | 151         | 2:956  |
| 4.º » —Leon . . . . .                       | 69                  | 2:362                     | 636            | 112          | 1:473       | 2:221  |
| 5.º » —Zaragoza y Baleares . . . . .        | 108                 | 2:904                     | 376            | 671          | 1:791       | 2:838  |
| 6.º » —Alcalá y Trujillo . . . . .          | 95                  | 2:931                     | 1:664          | 782          | 415         | 2:861  |
| Artilharia Deposito—Hospitalet . . . . .    | 92                  | 4:367                     | 45             | 3:982        | 156         | 4:183  |
| Deposito de eguas. . . . .                  | 18                  | 228                       | 181            | 19           | 28          | 228    |
| Ganaderos. . . . .                          | 54                  | 1:223                     | 1:223          | —            | —           | 1:223  |
| Total . . . . .                             | 668                 | 23:227                    | 12:610         | 5:752        | 4:014       | 22:376 |



#### IV—Medidas tendentes a melhorar a situação dos oficiais da reserva remunerada e a facilitar a constituição dos quadros da reserva gratuita

A proposta apresentada ao parlamento sobre a promoção dos oficiais da *reserva remunerada*, e de que demos noticia na nossa ultima *crónica*, sofreu algumas alterações. Dissémos que no projecto ministerial se exigiam 4 anos de posto (e não 6 como até então) para a promoção de 2.º a 1.º tenente; mas ainda esse periodo foi reduzido a 3 anos, tendo sido publicado o respectivo decreto em 7 de janeiro p. p. Da mesma forma para a promoção de 1.º tenente a capitão, independentemente de vacatura, são exigidos 13 anos de official, e não 16, como vinha no projecto apresentado ás camaras.

Tambem se decretou que os tenentes da escala da reserva, tendo 30 anos de serviço no acto da reforma, percebam o soldo de capitão.

Relativamente a *reserva gratuita*, escassos são os seus quadros, e constituídos, em geral, por officiais saídos dos quadros activos em idade avançada, ou julgados incapazes do serviço activo, de forma que pouco se poderá contar com eles para o caso de uma mobilização.

A este estado de cousas procurou dar remedio o atual ministro da guerra, fixando as regras a observar para a constituição daqueles quadros. Diferentes são as origens donde se poderá fazer o recrutamento de officiais e inferiores para os quadros da reserva:

a) Os mancebos alistados como *voluntarios* e pagando a *quota militar* são promovidos a *cabos* no primeiro periodo do serviço, a *sargentos* no segundo periodo, e sucessivamente a *brigadas* e *sub-officiais*, quando satisfaçam ás provas regulamentares para cada um daqueles postos.

Logo que tenham sido promovidos a *sargentos* devem, antes de terminar o 3.º ano, praticar durante um mês como *brigadas*, e, se forem julgados aptos, exercem ainda por mais um mês as funções de *sub-officiais*, ficando então em condições de prestarem as provas para 2.ºs tenentes.

b) Os individuos que sejam recrutados, mas sem pagarem a *quota militar*, e possuam um certo numero de habilitações

literarias, podem tambem ser promovidos nas condições dos primeiros, devendo para isso receberem em determinados regimentos uma instrução especial, que é dirigida por um major ou capitão.

c) Tambem podem ser admitidos a dar as provas para 2.º tenente os presbiteros que estejam no 3.º ano de serviço.

d) Os sargentos com 8 anos de posto em serviço nas fileiras, ao serem licenceados, podem ser promovidos a 2.ºs tenentes da reserva, se tiverem os meios necessarios para sustentarem o decoro do posto, e se reunirem as condições de aptidão.

Nos corpos são organizados cursos especiais para habilitar convenientemente os individuos que se destinem aos quadros de reserva, sendo esses cursos dirigidos por um oficial superior ou capitão.

Os exames para 2.ºs tenentes da reserva têm lugar no mês de janeiro de cada ano nas capitais dos distritos, sendo o juri de exames constituído por um general, um oficial superior do estado maior, um major e dois capitães da mesma arma ou corpo a que pertençam os candidatos, fazendo parte do juri o official que ministrou o ensino.

O exame consta de uma *prova oral* e outra *pratica*, realisada esta no campo e com tropas, que o candidato deverá comandar.

A *prova oral* para 2.º tenente das diferentes armas compreende: *tactica, serviço de campanha, armamento e tiro, organização, instrução tecnica da arma respectiva, estudo e representação do terreno, serviço interno, escrituração e contabilidade.*

A *prova pratica* compreende: comando de um pelotão em ordem unida e isolado, e ainda fazendo parte de uma companhia, e resolução de um problema sobre o emprego de um pelotão no combate, fazendo parte de uma unidade superior.

Para os candidatos ao *corpo de intendencia* a *prova oral* versa sobre: *serviço de subsistencias, missão e funcionamento dos parques de intendencia, serviços de aquartelamento, e de estacionamento, missão e funcionamento dos parques de campanha, serviço de transportes* (por tracção e a dorso), *serviços hospitalares, serviço interno, escrituração e contabilidade.*

O *exercicio pratico* compreende: *analise do trigo e farinhas,*

*fabrico de pão e bolacha, analyse da cevada, palha e artigos que a podem substituir, armar e desarmar tendas, montar e desmontar fornos de campanha, seu carregamento, instalação e funcionamento, atrelar e desatrelar carros e camiões, atrelar e desatrelar muares para o serviço a dorso, e pratica de contabilidade.*

Os candidatos ao serviço de saude e veterinario são sujeitos tambem a provas teoricas e a provas praticas.

E' tambem permitido aos individuos habilitados com o curso de direito entraram no corpo juridico-militar, e para isso têm de praticar durante o seu terceiro ano de serviço numa auditoria regional nos dias e horas que lhes forem fixadas, devendo esta pratica substituir a prova pratica, mas têm tambem uma prova teorica, prestada perante um juri constituido por um general, pelo chefe de estado maior, por um tenente auditor de 1.<sup>a</sup> classe e dois de 2.<sup>a</sup> classe do corpo juridico-militar.

Ha tambem exames para farmaceuticos, para capelães e corpo de intervenção da reserva gratuita.

E' preciso ainda que haja a aquiescencia do corpo de officiais em que tenham feito serviço para que tenha lugar a promoção a 2.<sup>o</sup> tenente da reserva. Os officiais da reserva usam obrigatoriamente o uniforme em todos os actos de serviço, mas é facultativo fóra do serviço. Só têm vencimentos quando sejam convocados para exercicios ou manobras.

Passam sucessivamente pela *reserva* e pela *territorial*. No fim de 18 anos de serviço são licenceados, podendo conservar-se na reserva territorial até completarem 45 anos de idade, tendo então de deixar o serviço, mas sendo então considerados *officiais honorarios*.

## V — Escola superior de guerra

O quadro do corpo docente desta escola tem a seguinte composição: 1 general de brigada, 1 coronel, 9 tenentes-coroneis e 11 majores, todos do corpo de estado maior; 1 tenente-coronel e 2 majores de infantaria; 1 tenente-coronel e 1 major de cavalaria; 1 tenente-coronel e 1 major de artilharia; 1 tenente-coronel e 1 major de engenharia; 1 tenente-coronel e 1 major da intendencia; 1 tenente-coronel do corpo de saude militar; 1 medico, 1 veterinario, 1 professor de equitação; 1

1.º tenente do secretariado militar; 1 capitão da escala de reserva de infantaria e 1 2.º tenente da reserva de cavalaria. Temos assim 40 oficiais, sendo 34 do corpo docente.

## VI — O regulamento da lei de recrutamento

Depois de decorridos quasi três anos, é que foi publicado o regulamento da lei de recrutamento, que é de 27 de fevereiro de 1912. Aquele documento foi publicado por decreto de 2 de dezembro de 1914. Iremos fazer uma rapida analise deste importante documento. E' para notar o método e a clareza do regulamento.

Compreende o mesmo numero de capitulos que a *lei*, e conservando cada um a mesma designação que ali e com a mesma sequencia.

Em cada capitulo não se faz mais do que esclarecer e desenvolver, mas sem contrariar, a materia da lei.

No capitulo I — *disposições gerais* — notamos que a condição do *peso* é excluida como elemento de apreciação da falta de capacidade fisica para o serviço.

Determina-se que nenhuma praça possa ser licenceada sem ordem expressa do respectivo capitão-general, e que nenhum individuo maior de 21 anos possa ser nomeado para qualquer cargo publico, ou para empreza subsidiada pelo estado, sem que tenha satisfeito ás prescrições da lei de recrutamento, devendo para isso apresentar a respectiva *caderneta militar*, ou um certificado de *exclusão*.

No capitulo II — *Municipios, juntas, comissões, distritos de recrutamento e zonas militares que interveem nas operações de recrutamento* — determina-se que, nas povoações com mais de 20.000 habitantes se formem *secções de recrutamento*, não tendo cada uma menos de 5.000 habitantes e funcionando em cada uma delas uma comissão de recrutamento e junta de inspecção. Aos municipios compete fazer a nomeação destas comissões e do medico civil (o unico) que deve inspeccionar os mancebos. O presidente destas comissões é um vereador da camara. Em certos consulados realisam-se as operações de recrutamento, estando neste caso, em Portugal, os consulados de Lisboa, Porto e Vila Real de Santo Antonio. Destas comissões

não podem fazer parte os individuos que tenham parentesco até ao 4.º gráo com algum dos mancebos recenseados.

No capitulo III — *Do recenseamento* — é indicado como obrigatorio o recenseamento dos mancebos que completam 20 anos, sendo os pais ou tutores responsaveis pelo recenseamento de seus filhos ou tutelados. O recenseamento está a cargo das camaras municipais, devendo ao acto assistir os parocos ou seus delegados, e os encarregados do registo civil. O recenseamento realisa-se em sessão publica no mês de janeiro de cada ano.

Pode assistir ao acto um delegado militar, mas este só tem por dever observar se se comete alguma irregularidade, devendo então dar dela conhecimento ás autoridades militares e comissões mixtas.

O capitulo IV trata da *rectificação do recenseamento* — Esta operação tem lugar no ultimo domingo de janeiro, tendo-se em vista as reclamações apresentadas sobre a primeira operação. A rectificação do recenseamento é feita tambem em sessão publica e pela mesma comissão de recenseamento.

No capitulo V são estabelecidas as regras a observar nas *reclamações e competencias* relativas ás operações do recenseamento e resoluções tomadas pela comissão do recenseamento.

O capitulo VI trata do *sorteio*. Este tem lugar no 3.º domingo de fevereiro, tanto no continente, como nos consulados em que esta operação se tenha de efectuar, devendo ser anunciado com 8 dias de antecedencia. A este acto assistem o alcaide, como presidente, o sindico do municipio ou um conselheiro municipal, um certo numero de vereadores, e serve de secretario o secretario da camara.

Os primeiros numeros são destinados aos mancebos que se não fizeram recensear no ano anterior, seguindo-se depois os que estiverem recenseados.

O sorteio realisa-se em sessão publica e na acta, que se lavra, exaram-se os protestos que se tenham apresentado, quer escritos, quer verbais.

O capitulo VII trata *das exclusões do contingente e do serviço militar e das isenções do serviço nas fileiras*. Neste capitulo se preceitua que os mancebos que tenham frequentado as academias militares e delas tenham sido licenceados por incapacidade fisica, sejam novamente inspeccionados quando atir-

jam a idade legal, e, no caso de serem aprovados, lhes seja levado em conta o tempo que estiveram nessas academias. Os alunos que frequentam as academias são levados em conta no contingente a fornecer pela freguezia a que pertencem. Os mancebos isentos temporariamente por falta de altura ou capacidade toracica são sujeitos a três inspecções sucessivas para que possam ter a isenção definitiva.

São excluidos do contingente os individuos que estejam sofrendo pena de presidio ou correccional; mas ao terminarem o cumprimento da pena, são inspeccionados e classificados, e, os que forem apurados, são alistados, não se lhes levando em conta o tempo de prisão, sendo licenceados de todo o serviço aos 42 anos de idade.

Ha dez casos de isenção por *amparo* estabelecidos na lei, e sobre os quais o regulamento contem prescrições aclaratorias.

O capitulo VIII trata da *inspecção dos mancebos recenseados e das revisões perante os municipios*. Estas inspecções começam no 1.º domingo de março, em sessão publica e continuam nos dias seguintes sem interrupção.

A inspecção é feita por um medico do partido da camara, auxiliado por um sargento, que faz as mensurações.

Os mancebos que não se apresentarem á inspecção são considerados *refractarios*, se não justificarem legalmente a falta. Esta operação começa ás 8<sup>h</sup> e termina ao pôr do sol, havendo apenas um intervalo das 12<sup>h</sup> ás 13<sup>h</sup>.

Os mancebos tiram os sapatos, o jaleco e colocam-se na posição de sentido.

Para ser medida a capacidade toracica, desnudam-se da cintura para cima, sendo essa medida determinada segundo a linha dos mamilos.

Os mancebos podem ter a seguinte classificação: *isento definitivamente do serviço militar, isento temporariamente do contingente, apurado e refratario*.

O medico recebe 2,5 pesetas por cada mancebo que inspeciona, correndo esta despesa por conta do municipio a que pertencem os mancebos.

O capitulo IX trata das *comissões mixtas de recrutamento e dos processos de revisão em que interveem*.

Em cada provincia ha uma *comissão mixta de recrutamento*, que é presidida pelo governador civil, e de que fazem parte

dois delegados da comissão provincial, os comandantes dos distritos de recrutamento, um coronel, delegado do capitão-general, um medico civil e outro militar, e a este acto assiste um delegado (sem voto) de cada um dos municipios.

Os medicos civis são nomeados, mediante concurso, exercendo as suas funções de 1 de janeiro a 31 de dezembro.

Esta junta reúne em sessão publica, atende a todos os recursos apresentados contra as decisões das camaras, aceita quaisquer reclamações, podendo os reclamantes fazer-se acompanhar por pessoa idonea que melhor faça valer os seus direitos.

Quando qualquer mancebo não possa comparecer, por motivo de molestia, á junta revisora, tem de justificar a falta com um atestado medico, e atestado de paroco ou do alcaide, e de dois interessados no recrutamento.

A comissão pode delegar em dois medicos da localidade a inspecção dos mancebos doentes, sendo estes remunerados pelo mancebo doente, ou se este é pobre, pela respectiva camara municipal.

Das resoluções tomadas pelas comissões mixtas ainda ha recurso para o ministro da governação. Os trabalhos da revisão devem ser concluidos até 20 de julho. Terminados os trabalhos de revisão, os mancebos recolhem a suas casas, sendo comunicado aos comandantes dos distritos de recrutamento os resultados das inspecções.

O capitulo X trata *das reclamações contra as resoluções das comissões mixtas*, as quais são instruidas por estas comissões e são enviadas ao ministerio da governação, de cujas decisões não ha recurso.

O capitulo XI trata *dos refratarios*. Aos mancebos considerados refratarios que não justifiquem, no praso de 24 horas, ser errada esta classificação, é passado mandado de captura, a qual é realizada pela guarda civil, que os apresenta na localidade onde funcione a respectiva comissão mixta. Esta inspeciona os refratarios, e, os que forem aprovados, são enviados aos distritos de recrutamento, onde lhes é entregue a *caderneta militar*. Logo que seja incorporado numa unidade um refratario, é imediatamente licenciado para o *grupo de instrução* o soldado que viera substitui-lo.

As responsabilidades em que estão incursos os refratarios prescrevem logo que estes tenham 42 anos de idade.

O capítulo XII ocupa-se dos *adiamentos*. Ha diferentes motivos de adiamento. Uns são taxativos, e outros são concedidos em proporção com o numero fixado pelo ministerio da guerra, sendo a sua distribuição feita pelas comissões mixtas. São concedidos adiamentos aos mancebos que estejam seguindo um curso, ou que estejam tratando de negocios, cuja interrupção lhes seja muito prejudicial, e os que estejam estudando no estrangeiro subsidiados pelo estado ou pelos municipios. A justificação do adiamento é passada por um juri de seis comerciantes ou industriais, escolhidos entre os trinta maiores contribuintes.

O capítulo XIII trata do *alistamento dos recrutados* nos distritos de recrutamento.

Em vista das relações enviadas pelas comissões mixtas aos distritos de recrutamento, é nestes que se faz a classificação para as diferentes armas e serviços, segundo as alturas e profissões ou officios. As relações, por freguezias, são enviadas á guarda civil, que verifica a exactidão das profissões, e, depois de retificadas, são devolvidas aos distritos de recrutamento até 1 de outubro. Os delegados dos municipios apresentam nos D. R. relações dos mancebos aprovados e classificados, e é então que se procede ao seu *alistamento* nos D. R., que entregam então as respectivas *cadernetas militares* aqueles delegados, as quais são depois entregues aos recrutados pelos alcaides. Em cada caderneta é então obtida a *impressão digital* do mancebo a quem é entregue. Com a caderneta vai a folha de mobilização.

Os mancebos considerados desde então *alistados* ficam sujeitos aos tribunais militares.

O capítulo XIV trata das *diferentes situações militares e deveres correspondentes*, assim como da *ordem de convocação no caso de mobilização*.

A duração do serviço militar, que é de 18 anos, é contada desde o dia em que os mancebos são alistados nos D. R. Os recrutados conservam-se, porém, em suas casas até serem chamados a incorporar-se nas unidades activas, ou a receberem a *instrução militar preparatoria* (2.º grupo do contingente).

Os mancebos isentos temporariamente, e tambem os adiados continuam pertencendo aos D. R., enquanto não forem convocados. Aos mancebos isentos temporariamente, mas que depois são apurados, é-lhes levado em conta esse tempo para



a 2.<sup>a</sup> situação do activo. Os recrutas pertencentes ao grupo de instrução são obrigados, durante um ano, a preencher as baixas que se derem no grupo dos que foram chamados ás fileiras, sendo destinados á mesma unidade dos recrutas que vão substituir, ainda que não tenham sido classificados para a mesma arma ou serviço, e passam ás diferentes situações ao mesmo tempo que os homens do seu contingente.

No fim de 3 anos de serviço nas fileiras, as praças são licenceadas e passam á 2.<sup>a</sup> situação do activo, onde se conservam até completarem 8 anos de serviço; depois passam á *reserva*, sendo transferidos para o regimento de reserva a que corresponde a freguezia para onde forem domiciliar-se; e depois de estarem 6 anos nesta situação, passam á *reserva territorial*, onde se conservam até completarem os 18 anos a que são obrigados.

Terminados os 18 anos, recebem a licença absoluta, entregando então as suas cadernetas, que são enviadas pelos alcaides aos comandantes dos depositos de reserva.

Durante todo o tempo em que estiverem licenceadas, as praças são sujeitas anualmente a uma inspecção (que tem logar nos meses de novembro e dezembro), a qual é passada por uma autoridade militar ou civil, conforme as circunstancias.

Nenhuma praça pode mudar de domicilio sem ser devidamente autorizada, sendo essa autorização concedida pelo respectivo comandante do D. R., ou da unidade activa, ou do regimento de reserva, ou do deposito ou batalhão de reserva, conforme a situação.

O capitulo xv trata da *repartição do contingente*. O ministro da guerra fixa anualmente (1 de outubro) o contingente a fornecer por cada distrito de recrutamento, em vista dos mapas que lhe foram enviados pelas comissões mixtas de recrutamento. São estas que repartem depois pelas freguezias o contingente de cada D. R. A distribuição é proporcional ao numero de mancebos apurados. Esta distribuição é publicada no respectivo *Boletim oficial* da provincia.

O capitulo xvi trata da *concentração dos recrutas e sua incorporação nas unidades organicas*. O ministerio da guerra fixa o dia da apresentação dos recrutas nos D. R., e o numero que cada um destes distritos tem de fornecer ás diversas unidades.

Esta apresentação é mandada fazer pelos alcaides, e os recrutados, ao apresentar-se nos D. R. são af novamente mensurados e edenticados.

Procura-se tanto quanto possivel encorporar os recrutados que estejam cursando estudos nas unidades localizadas nas sédes dos estabelecimentos de instrução que esses recrutados frequentam.

Dos distritos de recrutamento marcham os recrutados para as unidades a que foram destinados, devendo estas mandar ás estações os quadros de conduta a recebe-los, para o que são préviamente avisadas pelo telegrafo.

Os recrutados pertencendo ao 2.º grupo do contingente recebem a I. M. P. nos regimentos mais proximos das suas terras, sendo aumentados ao efectivo destes regimentos, onde são contados para a mobilização.

O capitulo xvii trata das *licencas*, fixando as condições em que deve ser antecipado o licenceamento, tendo preferencia os que tenham maior grau de instrução e os que servem de amparo.

O capitulo xviii trata das diferentes condições a que devem satisfazer os que pretendem alistar-se como *voluntarios*, sendo estes obrigados a servir por 4 anos nas fileiras.

O capitulo xix trata da *instrução militar preparatoria* a ministrar aos homens do 2.º grupo do contingente e aos que queiram, antes da época legal do alistamento, receber essa instrução.

O capitulo xx trata da *redução do tempo de serviço nas fileiras*, redução que é concedida em condições especiais e mediante o pagamento de uma *taxa militar*, que é paga em três prestações.

O capitulo xxi trata das condições a que devem satisfazer as praças para serem promovidas a graduados inferiores, ou a oficiais da *reserva gratuita*.

O capitulo xxii trata das *disposições penais* e o capitulo xxiii (e ultimo) contém as *disposições especiais e transitorias*.

Temos assim feito um rapido esborço do regulamento do recrutamento, por julgarmos de suma importancia o seu conhecimento, pois o valor das instituições militares de um país é facil de reconhecer-se pela lei do recrutamento do exercito.

# A REVOLUÇÃO FRANCESA

E AS

## suas instituições militares

Quem lêr com alguma atenção a Historia da Revolução Francêsa, por mais resumida que seja a obra consultada, tais pontos de contacto encontrará entre o passado remoto daquela nação e o nosso recente passado, que, dando-lhe por certo a confirmação das chamadas leis historicas, o orientará na melhor forma de canalizar os acontecimentos aproveitando-se dos ensinamentos que de tal leitura se pódem colher.

Convictos desta doutrina, vamos tentar apresentar, nos seus caracteristicos topicos, a situação militar da França num tão importante periodo da sua historia. Da oportunidade e porventura da utilidade do assunto que nos propomos tratar, o leitor pelas suas ilações ajuizará.

\*

\* \* \*

A Revolução Francêsa, transformando profundamente a organização politica e social do Estado, forçosamente tambem devia exercer a sua influencia no organismo militar. Com efeito, como era natural, sob o impulso da Revolução triunfante, derruira-se a organização, a tática e até a disciplina do exercito do antigo regimen.

Não se perdeu, porém, grande coisa pois que o exercito francês ao produzir-se esse salutar movimento emancipador da liberdade dos povos, pelas derrotas sofridas e pelo estiriliante periodo de paz que se lhes seguiu, encontrava-se sem prestigio e quasi totalmente desmoralizado.

Contendo no seu seio mais de um quarto de mercenários estrangeiros, comandados por nobres, como tais odiados pelo povo, sem o menor laço que o prendesse á nação, sem comunidade de aspirações, sem confiança reciproca entre os chefes e os soldados, o exercito francês, nos ultimos anos que precederam a Revolução, era o reflexo fiel da monarchia absoluta, tendo como unicos alicerces o privilegio e a rotina e como lei suprema o capricho do soberano.

Os comandos eram quasi exclusivamente concedidos aos nobres que, embora valorosos, primavam pela ignorancia, presunção e pouca disciplina. A burguezia, pois, não encontrava incentivo algum que a levasse a alistar-se no exercito. Os soldados, mal fardados, mal alimentados, mal instruidos e peor disciplinados, de continuo desertavam, embora corressem o risco de gravissimas penas.

Tal era o quadro que o exercito francês então nos apresentava! . . .

Chega, porém, a Revolução, e as novas ideias de liberdade e de igualdade que ela proclamou, longe de modificarem este estado de coisas, ao principio, muito o agravaram.

Tais doutrinas, divulgadas pela imprensa, pelos demagogos e pelos *clubs*, excessivamente exageradas, levaram á organização de federações e comités que instigavam á deserção e á insubordinação. Estas ideias, toleradas por fraquesa, quasi esfalcelaram o exercito.

Organiza-se, em breve, a Guarda Nacional de Paris, e, desvirtuada a genese deste novo elemento da defesa nacional, nos comicios, nos jornais, etc., proclama-se a inutilidade do exercito permanente, pedindo-se a sua substituição pela Nação Armada que imediatamente se reclamava fôsse constituída. Estende-se, então, a toda a França a organização da Guarda Nacional e, assim, se obteem cêrca de 2 milhões de homens, mas sem instrução e sem disciplina, e, conseqüentemente, viveiro de pronunciamentos.

O comité militar da Assembleia ainda tenta pôr um dique a esta torrente de descalabro e, invocando a letra do art. 12.<sup>o</sup> da *proclamação dos direitos do homem*<sup>1</sup>, propõe se decrete a *conscição* para os alistamentos.

<sup>1</sup> «A garantia dos direitos do homem e do cidadão, carece duma força pu-

A Assembleia, porém, por uma exagerada interpretação da liberdade individual, rejeita tal proposta «*como lesiva aos direitos do homem*» e apenas permite o alistamento voluntário, por oito anos, para todos os franceses dos 16 aos 40 anos, com excepção dos mendigos e desertores<sup>1</sup>.

Com estes voluntários organizam-se então batalhões autônomos, pouco disciplinados, que, pelos privilégios de que gozavam, estavam em contínuo antagonismo com as tropas regulares e régias. Melhor remunerados, melhor fardados e gozando duma maior liberdade, de contínuo desacatavam os seus oficiais que, para evitarem dissabores, ansejavam por transitar para as tropas regulares, enquanto que os soldados destas, pelo contrário, se empenhavam em obter transferência para as unidades de voluntários.

Quando em 1792, após a *Declaração de Pilnitz*, o duque de Brunswich com os austro-prussianos invade a França pela fronteira Leste, os franceses que já dispunham de 90:000 homens do exercito de linha e 80:000 voluntários, consideram tal numero insufficiente, declaram a Patria em perigo e estabelecem o alistamento de voluntários até prefazer o total de 450:000 homens.

Com uma tal *Declaração* o patriotismo francês foi despertado e, convencidos do perigo, de todos os pontos acorrem cidadãos que mal armados e equipados, sem instrução, vem engrassar os exercitos a quem a sorte facilitou as vitórias de Valmy e Jemappes (20 de setembro e 6 de novembro de 1792).

Passado, porém, o primeiro entusiasmo, começam novamente as deserções, para fazer face ás quais houve necessidade de recorrer ás requisições de homens no proprio teatro das operações e depois ainda á determinação de impôr á Guarda Nacional a prestação do serviço nas tropas regulares<sup>2</sup>.

Rebentam depois as sublevações da Vendea, da Provença e do Delfinado; aos inimigos externos juntam-se os do interior, e para a todos fazer face simultaneamente necessario foi

---

blica; esta força é pois, instituida para beneficio de todos e não para utilidade particular daqueles a quem fôr confiada».

<sup>1</sup> Lei de 25—III—1791.

<sup>2</sup> Lei de 20—II—1793.

recorrer *às levás em massa* com a pena de morte para os que se recusassem ou desertassem.

Um tal processo não podia, porém, deixar de ser considerado como transitório, mas dada a necessidade de manter muitos cidadãos em armas, urgia modifica-lo, conservando o principio da obrigação de todos concorrerem para a defesa da Patria quando ela estivesse em perigo, atenuado pela ordem e criterio na sua aplicação de modo a não ir extraordinariamente sobrecarregar as familias.

Em 5 de setembro de 1793, publica-se então a chamada *Lei Jourdain*, estabelecendo como sistema regular de recrutamento a obrigação geral do serviço militar, lei que serviu depois de base para o recrutamento dos diversos exercitos da Europa.

Por esta lei a conscrição abrangia todos os franceses dos 20 aos 25 anos, podendo depois desta idade ser licenceados, passando comtudo á Guarda Nacional. Por ela também se estabelecia que nenhum cidadão poderia concorrer aos empregos publicos, sem ter provado que já tinha satisfeito aos preceitos da lei do recrutamento.

Por outro lado, também, o recrutamento para os quadros dos officiais, estendeu-se a todas as classes, deixando de ser um privilegio da nobresa, para ser considerado um direito a que podiam aspirar todos aqueles que possuissem certos requisitos indispensaveis para o exercicio de tais cargos, os quais já não eram de simples pergaminhos.

Por esta forma o exercito francês tornou-se verdadeiramente nacional.

\*

\* \*

Apresenta-se, pois, o exercito francês da Revolução, constituído por numerosos bandos patrióticos, impulsivos, cheios de dedicação pela causa da Patria, ciosos das liberdades conquistadas, mas que, além desta, nenhuma outra virtude oferecem, dentre aquelas julgadas indispensaveis para a subida organização dum tal instrumento de defesa.

Sem disciplina e com fraca instrução militar, os voluntarios, que eram a grande massa dum tal exercito, quasi que

abafavam os poucos elementos com coesão das tropas de linha.

Necessario era, pois, que um espirito metódico e ponderado, com grande prestigio moral sobre as multidões e ao mesmo tempo com a precisa autoridade para se impôr á Assembleia, tomasse a peito fazer duma tal massa, alguma coisa de valioso, dar-lhe a indispensavel coesão, aproveitando-se das qualidades que o caracterisavam e procurando reduzir os seus muitos defeitos.

Esse espirito encontrou-o a Revolução em Nicolau Carnot, que a Historia nos apresenta sob a designação do *Organizador da Vitória*. Simples capitão de engenharia, Carnot, eleito para o comité militar da Assembleia igualmente fez parte do Comité de Salvação Publica, em que se encarregou das operações militares. Nestes cargos, não só contribuiu para que se decretasse o armamento da Guarda Nacional e o licenciamento da Guarda do Rei, como propoz a constituição das meias brigadas, onde se fundiram os batalhões voluntarios, com os de linha — *amalgama* — que visava a acabar com o pernicioso antagonismo entre umas e outras daquelas tropas.

Fundindo 2 batalhões do novo regimen com 1 do antigo, esperava-se talvez dar aos corpos assim formados os caracteres gerais e sobretudo as ideias dos voluntarios, em maior numero, comtudo, por um fenomeno facil de compreender, são os jovens voluntarios que se amoldam ás velhas tropas e por tal fórma que são estas que dão o tom aos regimentos do *amalgama*. Enquadrados nestes veteranos os guardas nacionais e os voluntarios, instruíram-se pouco a pouco; bem comandados, cheios de vigor, d'entrain e de dedicação, bateram-se com intrepidez: entusiasmados pelas magicas palavras de liberdade e patriotismo, arrastados pelos *representantes*, que á frente das colúnas d'assalto ostentavam o seu distinctivo tricolor, arremessavam-se cheios de ardor contra os «satelites do despotismo», os exercitos da Europa monarchica, como então eram apelidados na singular linguagem da epoca.

A Carnot se deve ainda a criação da grande unidade *divisão*, o abandono da *guerra de fortalezas* pela *de manobra*, a substituição da tática de *cordão* pela de *massas* e bem assim a introdução de importantes melhoramentos em todas as armas e serviços.

Director em 1795 foi depois por Bonaparte, quando consul, encarregado de dirigir a pasta da guerra e apesar da admiração que professava pelo grande general, o seu character, servido por uma robusta intelligencia, fe-lo votar contra o consulado vitalicio e contra o imperio.

Membro fundador *do Instituto*, matematico de valor, fez convergir os seus estudos sobre a balistica, e a ele deveu a artilharia muitos dos seus progressos.

Por todos estes motivos a França e a Republica com justida procederam consagrando Carnot sob a designação porque tal vulto é ordinariamente conhecido.

\*

\* \*

Vendo os seus exercitos, quasi por por surpresa, extraordinariamente acrescidos em numero, a ponto tal que muito dificultaria a acção dum comando unico; tendo de simultaneamente fazer face aos exercitos dos coligados em todas as fronteiras, necessitando tambem recorrer á força armada para sufocar as sublevações internas, a França foi forçada a constituir pequenas unidades cada uma das quais devia dispôr de todos os elementos indispensaveis para decidir as acções, contando apenas com o esforço proprio.

Assim se crearam as divisões que, por outro lado, pelo fraccionamento dos comandos, garantia a Republica do perigo da ditadura militar a que poderia estar sujeita se um exercito muito numeroso fosse confiado a um só chefe cuja ambição, assim despertada, o poderia impelir a tentar tal aventura.

Por outro lado, tambem, com esta organização a vida dos exercitos que, em geral, se fazia á custa das regiões em que operavam, ficaria melhor assegurada com o fraccionamento adótado.

A divisão foi pois, simultaneamente a grande unidade estrategica e administrativa que nos legou a Revolução.

A falta de recursos e o character ofensivo que a guerra tomou, dificultando o reabastecimento dos depositos que exigiam grande impedimenta, com prejuizo da mobilidade que



uma tal ofensiva exigia, foram causas concordes que levaram á adoção do sistema de reabastecimento pelas requisições locais, vivendo os exercitos á custa das regiões em que se encontravam. A maxima «a guerra deve manter-se pelo guerra» foi então aplicada em toda a plenitude e até ela serviu a Bonaparte para em 1796 arrastar atrás de si as divisões de Scherer, exaustas e famintas, com a promessa da abundancia e da riquêsa que elas em curto prazo encontrariam nas fertes planicies do Pó, onde se propunha conduzi-las.

Nestas condições a impedimenta, o equipamento, os comboios, etc., foram extraordinariamente simplificados e os exercitos, adquirindo uma grande mobilidade, apresentam-nos a maxima capacidade de marcha que ainda hoje nos assombra quando recordamos as admiraveis marchas da divisão Massena antes e depois de Rivoli.

\*

\* \*

Os generais da Revolução compreendendo que com tropas tão ardentes e tão pouco preparadas como eram aquelas de que dispunham, grave erro fariam adoptando as formações pesadas e compassadas da ordem linear as quais não eram de molde a permitir a utilização desse mesmo ardor, unica virtude de tais exercitos, longe de refrearem o seu elan antes o favoreceram procurando metodisa-lo.

Com fraca disciplina e arrastados pelo amor patrio, no momento do combate, difil seria, com efeito, manter tais tropas sob o fogo no contacto cotovelo a cotovelo.

Muito naturalmente, ao contrario, os intervalos abrir-se-iam e, levados pelo proprio impulso, dispersar-se-iam, áquem e alem, por toda a frente de combate.

Desta fórma, perdida a força moral que dá a presença dos camaradas de combate, estes *enfants perdus*, por instincto, procuraram nos abrigos do terreno esse indispensavel apoio moral que tinham perdido. Daqui um melhor aproveitamento do terreno o qual facil foi metodisar.

Surgem, pois, póde dizer-se por instincto, as *linhas de atiradores* já empregadas, por causas identicas, na Guerra da Independencia dos Estados Unidos da America do Norte, e tal-

vez por Lafayette regularizadas em França, nas típicas formações táticas das guerras da Revolução e do Imperio.

Tendo de fazer face, simultaneamente a todos os inimigos que lhe irrompiam pelas suas diferentes fronteiras, a França, apesar de dispôr de elevados efectivos, eram eles comtudo ainda insignificantes para, em cordão, se disporem na periferia. Uma tal linha, resultando fraca em todos os pontos, ameaçava romper-se ao primeiro choque e como não se poderia dispôr de reservas, uma vez rota, nada já obstaría ao progresso do adversario pelo territorio da Republica.

Abandonou-se, pois, tal sistema e com razão se julgou preferível dispôr as massas numa posição central donde irradiassem nas direcções mais ameaçadas. Daqui a estratégia de massas, daqui a acção por linhas interiores, formulas estas que Bonaparte tão sabiamente applicou nas campanhas que dirigiu.

Em resumo: a decidida ofensiva, a guerra de movimento, a massa e as linhas interiores, tais foram os processos de que se serviram os exercitos da Revolução, plenamente conformes ao character nacional e nos quais, podemos dizer, reside o segredo das suas grandes vitórias.

Exercito essencialmente nacional, entusiasta pelas suas idéas, era ele, mais do que qualquer outro, apto para a ofensiva. Acreditava ter em si o poder de regenerar o Mundo; o seu patriotismo fe-lo sonhar com a realisação do acto de justiça social que a Revolução pretendia efectivar no mundo inteiro.

Exemplo frisante de quanto, nas situações mais criticas e desfavoraveis, póde o amor patrio e a justiça da causa que se defende. Lição proveitosa que importa ter sempre presente ao nosso espirito pois ela nos servirá de balsamo e incentivo para confiarmos no futuro e trabalharmos pelo resurgimento da Patria querida.

F. FREIRIA

Cap. d'art.<sup>a</sup>

## X e Y

### (Cartas sobre a cavalaria)

A sua consulta de agora aumenta de complexidade e — como se dizia nos meus tempos de subalterno — *tem dente de coelho*, porque me força a emitir opinião sobre a *letra* das I. C. C.<sup>1</sup>, arrojo que, dada a minha falta de categoria, pôde redundar irreverencia de mais de marca.

As suas duvidas e o seu objectar, as suas premissas e as suas conclusões, estribam-se, afigura-se-me, num equivoco, proveniente dum aferro exagerado á *letra*, que não ao *espírito* do R. C.<sup>2</sup> de 904.

Vejamos por partes.

\*

\*

\*

O *fim* da **descoberta** é: «obter as noticias de que o comando necessita para garantir a sua *liberdade de operações*» (n.º 89 do R. C.)

Em que consiste essa *liberdade*?

Em assegurar «ao comando superior . . . o poder dirigir as suas colunas *na direcção mais conveniente* para o proseguimento das operações» (n.º 92).

Qual é o *fim* da **segurança**?

Di-lo o n.º 100 do R. C. (que as I. C. C. não transcreveram): «informar **a tempo** o comandante sobre a presença, força e movimentos do inimigo numa zona determinada (e subentenda *restrita*) garantindo-lhe o **espaço** para tomar as suas disposições com toda a *liberdade de acção*».

<sup>1</sup> Abreviatura das *Instruções para cavalaria em campanha*.

<sup>2</sup> Idem de *Regulamento de campanha*.

A seguir, explica, restringindo :

«*Informar a tempo* é o papel essencial da *cavalaria de segurança*; *garantir a zona* necessaria para a livre disposição do *grosso* das forças constitue o *fim* principal da *protecção das colunas*».

Na primeira preposição, refere-se, exclusivamente, á *cavalaria de segurança*, cujo *fim* é (gravemos bem na memoria) assegurar o **tempo** necessario á livre disposição do *grosso* no combate; na segunda, á *cavalaria de protecção*, ainda que englobada no destacamento mixto (cavalaria, infantaria e, por vezes, artilharia) que constitue a guarda avançada (de flanco ou de retaguarda) nas marchas para o inimigo (de flanco ou de retirada), isto é, a *cavalaria de protecção* tem por *fim* (retenhamos de memoria) concorrer para *garantir a zona* ou, mais simplesmente, o **espaço** necessario á livre disposição do *grosso* no combate.

E quer vêr uma nova garantia de que é este o *espírito* e quasi mesmo a *letra* do R. C.?

Basta transcrever o n.º 110 (*missão* da guarda avançada):

«... é, no caso de encontro (com o inimigo) começar a luta, para reconhecer as suas forças e intenções, garantir ao comandante da coluna a *zona de manobra* necessaria para dispôr livremente do *grosso das forças* e apoderar-se dos pontos cuja occupação seja julgada vantajosa para o desenvolvimento ulterior do combate».

Assim, creio ter desvanecido quaisquer duvidas.

Para definir, pois, categoricamente, a *missão* da cavalaria no seu triplice papel—de *descoberta*, *segurança* e *protecção*—poderemos dizer:

—Ou se lança muito longe (um a três dias para a frente da testa das colunas da sua infantaria) explorando uma larga zona e **descobre**;

—Ou vai a meio dia de marcha e numa frente restrita (caso normal da coluna divisionaria) e **segura**;

—Ou se limita a anteceder as colunas da propria infantaria, de modo a acoberta-las das surpresas, pelo fogo, executadas pela artilharia e infantaria adversas e **protege**;

o que tanto monta como afirmar que a cavalaria:

—na **descoberta**, assegura a *liberdade de operações*, isto

é, dá o **tempo** e o **espaço** indispensáveis á *manobra* para a *batalha*, no sabio dizer de Foch;

— na **segurança**, garante o **tempo** necessario á *liberdade de disposições* do *grosso* da coluna, ou seja, á *manobra* na *batalha*;

— na **protecção**, concorre para assegurar o **espaço** indispensavel á *liberdade de disposições*, ou seja, á *manobra* na *batalha*.

Porque *segurança* propriamente dita e a *protecção*, se encontram englobadas no capitulo VII do R. C. e sob a designação generica de *Segurança*, daí o motivo do aparente atropelo.

Creia, porém, que, se a distincção entre estas duas ultimas *missões* da cavalaria se póde afigurar, a alguém, nimiamente subtil, *o modo de proceder* e os *meios* empregados para realisa-las, esses, acentuam-se bem dessimilhantes, ainda que, na pratica se completem e, quantas vezes! se sobreponham.

Abordemos agora um outro assunto da sua carta;

### **A classificação dos elementos de segurança**

Eu sei bem que entre os officiais da nossa arma não há unidade de opiniões a tal respeito: Uns, sustentam que *elementos de segurança* são apenas as *patrulhas de exploração*, conforme os classificam os n.<sup>os</sup> 152 e 153 das I. C. C.;

Outros—firmando-se na *letra* do n.<sup>o</sup> 108 do R. C. e aceitando a terminologia das I. C. C.—afirmam que as *patrulhas de exploração*, não são autonomas, porque fazem parte integrante dos *destacamentos de exploração*.

Nem uns, nem outros estudaram maduramente o assunto. Vejamos:

Os n.<sup>os</sup> 152 e 153 das I. C. C. tratam, com efeito, dum caso especial da *segurança* (a que deve manter-se nas colunas de cavalaria) ao passo que os que argumentam pela contraria, se estribam apenas nos dizeres do 1.<sup>o</sup> e 4.<sup>o</sup> periodos do n.<sup>o</sup> 108 do R. C. (que trata da *segurança* em geral) mas deixam no esquecimento os sugestivos ditames dos 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> periodos do proprio n.<sup>o</sup> que chamam á autoria.

Analiseemos estes periodos, porque vale a pena, e, para mais

facilidade de compreensão, separemos os casos que eles pro-  
veem:

1.<sup>o</sup> — «Quando a cavalaria de descoberta se afastar a grandes distancias,

2.<sup>o</sup> — «quando pela redução do espaço entre os dois exercitos inimigos (a cavalaria de descoberta) não poder manter-se na frente e passar a operar nos flancos, ou ainda,

3.<sup>o</sup> — «quando as forças que operam num teatro secundario ou numa zona estrategica de operações não possuirem um efectivo de cavalaria suficiente para — sem prejuizo da *segurança* — constituir *cavalaria de descoberta*, a *cavalaria de segurança* terá, *especialmente nos dois ultimos casos*, de dar maior amplitude á sua exploração».

Como? Di-lo o 3.<sup>o</sup> periodo do citado n.<sup>o</sup> 108 do R. C. . . . Repare nele o meu estudioso camarada:

«Alem dos *destacamentos* de exploração, cuja missão ficou designada, empregará *para aquelle fim* (nas hipoteses previstas nos 2.<sup>o</sup> e 3.<sup>o</sup> casos) *reconhecimentos de oficial* enviados pelo *grosso* da cavalaria de segurança, que devem operar com toda a liberdade de movimentos, a qual lhes é necessaria para cumprir a sua missão,

Ora o que é um *reconhecimento de oficial*?

E' um *elemento de descoberta* (n.<sup>o</sup> 94 do R. C.).

O que se depreende pois? E' que não havendo *cavalaria de descoberta* na frente (2.<sup>o</sup> caso do n.<sup>o</sup> 108 acima transcrito) ou quando o efectivo da cavalaria de que se dispõe seja insufficiente para, sem prejuizo da *segurança*, constituir *cavalaria de descoberta*, a missão desta cavalaria é confiada a simples *reconhecimentos de oficial* (3.<sup>o</sup> caso do n.<sup>o</sup> 108 já apontado).

Mas temos ainda um novo confronto corroborador. Diz o n.<sup>o</sup> 102 do R. C.:

«Nas colunas que apenas dispunham de um pequeno efectivo de cavalaria, toda ela constitue a *cavalaria de protecção*. Nestas circunstancias, esta cavalaria, além de cooperar no *serviço de protecção* (note o meu camarada) *explorará as principais direcções em que o inimigo possa avançar, até uma distancia tal que garanta ao comandante da columna o tempo necessario para tomar as suas disposições*».

Ora, como já vimos, *informar a tempo e o papel essencial da cavalaria de segurança* (n.<sup>o</sup> 100 R. C.) portanto as

patrulhas (os elementos ou fracções) expedidas pelo *grosso* da cavalaria de protecção incumbidas de explorar a *distancia tal*, que assegurem ao comandante da coluna **o tempo** para que possa tomar as suas disposições, desempenham, incontestavelmente, o papel essencial da *cavalaria de segurança*, o que importa o mesmo que dizer, que;

Quando o efectivo de cavalaria duma colúna é insufficiente para, sem prejuizo da *protecção*, constituir *cavalaria de segurança*, a cavalaria de protecção supre á missão de segurança por simples *patrulhas de exploração*, que devem operar com a liberdade de movimentos exigida ao cumprimento da sua missão.

Dum modo generico e segundo os principios gerais do R. C. de 904, vemos:

Que a *cavalaria de descoberta* se distribui, para o cumprimento da sua missão: um *grosso da descoberta*, antecedido, a grande distancia, pelos *elementos de descoberta (reconhecimentos de oficial e destacamento de descoberta)* **estritamente necessarios** para orientar a sua marcha e obter informações (n.º 94). Simultaneamente cada um dos seus escalões se guarda em harmonia com os preceitos do capitulo VII (*Segurança*) isto é, teem as suas *segurança e protecção* privativas e apropriadas (n.º 97).

Que a *cavalaria de segurança* se divide em *grosso da segurança*, antecedido pelos *destacamentos estritamente necessarios* para a exploração de todas as vias de acesso utilisaveis pelo inimigo, na zona onde recebe ordem para operar (n.º 108) e que tais *destacamentos* lançam para a frente as *patrulhas necessarias* para explorar, por completo, o *sector* que a cada um lhes fôr designado (n.º 108). Nos casos de não haver *cavalaria de descoberta* na frente, ou de se não possuir efectivo de cavalaria para constitui-la — sem prejuizo da *segurança* — a fracção encarregada deste papel, supre d'algum modo ao da *cavalaria de descoberta*, pelo emprego, exclusivo, dos *reconhecimentos de oficial* (n.º 108).

(Aqui temos nós os *elementos* ou *orgãos* encarregados da *missão de descoberta* reduzidos aos *reconhecimentos de oficial*).

Simultaneamente, cada um dos escalões de *segurança* provê á sua *protecção* imediata por meio de *guarda avançada*, de frac-

cionamento e a distancias, mais ou menos completo, mais ou menos reduzidas (n.º 103) R. C. e 158 dos I. C. C.).

Que a *cavalaria de protecção* fazendo parte dos destacamentos de protecção, se fraciona em *grosso da cavalaria de protecção*, antecedida pela *flecha*, que, por meio de *exploradores* — ou isolados ou em pequenos grupos de 2 a 3 cavaleiros — esquadrinha a estrada de marcha e o terreno nos seus flancos, informando o comandante do destacamento de protecção de tudo quanto possa interessa-lo. (n.º 115). Nas colunas que disponham dum pequeno efectivo de cavalaria e não possam por isso, constituir, sem prejuizo da *protecção*, *cavalaria de segurança*, a *missão* desta cavalaria será desempenhada por *patrulhas* lançadas a *distancia tal* que assegurem ao comandante da coluna *o tempo* necessario para que possa tomar as suas disposições.

(Aqui temos nós os *elementos* ou *orgãos* encarregados da *segurança* reduzidos a simples *patrulhas de exploração*).

Logo o que é licito e indispensavel concluir?

É que na *protecção*, na *segurança* ou na *descoberta* — como sempre e por toda a parte — o *fracionamento* e as *distancias*, a existencia dos diversos *orgãos* (mais ou menos fortes) satisfazendo a tais funções, dependem do *effectivo* a cobrir, da *missão* a desempenhar, do *terreno* a percorrer e da *situação* criada á cavalaria.

Mais adeante voltarei ao assunto.

\*

\* \*

Vejamos agora o terceiro e ultimo ponto da sua ultima carta.

E' seguramente aquele que eu tenho mais repugnancia em tratar.

Repito aqui o que já lhe afirmei ao começo deste extenso arrazoado: Não só me falta a categoria, mas até repugna á disciplina do meu espirito o mostrar, ostensivamente, que discordo de preceitos regulamentares em vigor.

Eu sei bem que as revisões dos Regulamentos são provocadas — entre outras causas — por esta insatisfação, que acaba por ser geral, traduzindo o contraste entre os novos conheci-



mentos adquiridos pelos oficiais e a formula incompleta, antiquada ou inadmissivel, como tais Regulamentos se encontram redigidos. As I. C. C. foram formuladas ha dez anos e seguramente por officiais duma alta capacidade, que injustiça maxima seria não reconhecer, como vaidade enorme redundará a pretenção de as julgar, hoje, impecaveis, ou antes, com inteira actualidade.

Postas estas considerações prévias remeto-me ao assunto.

\*

\* \* \*

Concordo que, com efeito, confrontando os preceitos do n.º 108 do R. C. de 904—que tratam, dum modo geral, da *Distribuição das forças* na missão de *segurança*—com os dizeres correspondentes dos n.ºs 152 a 154 das I. C. C., de 906—que as detalham nas colunas desta arma—se reconhece que os ilustrados redactores das *Instruções* concorreram para uma possivel e natural confusão.

Assim, usaram da palavra *elemento*, dumas vezes, para designar *escalões* a empregar (n.ºs 152 a 154); doutras, *missões* a cumprir (n.ºs 151 a 153); o termo técnico *patrulhas de exploração*, empregam-no, indistintamente, applicando-o a escalões ou órgãos, quer encarregados da *missão de segurança* (n.ºs 121, 151 e 154) quer da *missão de protecção* (n.º 139), isto é, patrulhas com *missões* e *modos de proceder* diferentes, são designadas pelo mesmo nome e patrulhas com missões equivalentes, são conhecidas por nomes desimilhantes (n.ºs 139 e 147, 247 a 254).

O mesmo acontece ainda com a frase *Serviço de exploração*: No n.º 149 dá-se-lhe a acepção de *segurança*, quando mais vulgarmente se emprega na de *descoberta*.

O qualificativo *elementos de exploração* é usado (n.ºs 110, 131 e 154) para designar *eiementos de descoberta*, ao passo que (n.º 118) se emprega para denominar *destacamentos* e *patrulhas de exploração*, isto é, elementos ou órgãos de segurança.

O que lhe posso garantir, é que uma confusão tal—extranhavel e inadmissivel, é certo—provém sobre tudo da tecnologia, da *letra* emfim, porque os preceitos e regras gerais do R. C. foram, quasi sempre, respeitados no seu *espírito*.

Finalmente, deseja o meu estudioso camarada saber, se haveria possibilidade e facilidade de evitar esses — enquanto a mim — peçadinhos de *forma* e pequeninos atropelos de *essencia*.

Cuido que sim e, salvo melhor opinião, deste modo: Designar cada *destacamento* ou *patrulha* pela *missão* que desempenhasse. Em qualquer das circunstancias da guerra — *marcha*, *estacionamento* ou *combate* — nós teríamos apenas a considerar o *papel* por qualquer deles representado, para lhe assinalar a nomenclatura apropriada; tanto mais que esse papel pode — no decurso das operações e até dentro do mesmo dia — variar de caracter.

Vejamos:

1.º — **Elementos de descoberta**, são, segundo o R. C. (n.º 94):

- a) os *reconhecimentos de oficial* (preferiria manter-lhe o velho nome consagrado — *patrulhas de descoberta*) e
- b) *destacamentos de descoberta*.

Correspondentemente:

2.º — **Elementos de segurança** seriam:

- a) as *patrulhas*
  - b) e os *destacamentos*
- } *de exploração*
- a que eu chamaria de preferencia

- *patrulhas*
  - e *destacamentos*
- } *de segurança*

3.º — **Elementos de protecção** (pelo que importa á cavalaria)

- a) *patrulhas*
  - b) e *destamentos*
- } *de protecção*

aquelas, constituídas pelos cavaleiros isolados ou pelos grupos de 2 ou 3 cavaleiros, encarregados da exploração da estrada de marcha e seus flancos ou da ligação das colunas caminhando a reduzidos intervalos e distancias; estes (e para lhes conservar os nomes consagrados) constituídos pela *flecha* e *extrema guarda avançada*, protegendo o *grosso* da cavalaria da guarda avançada, como esta assegura ou concorre para manter a protecção das forças á retaguarda.

Como palavra do fim e como recurso didatico, demos ao dispositivo geral a forma schematica, que nos ha de permitir abraça-lo no seu conjunto.

## I.º caso

(numa zona estrategica em que opere um Grupo de Divisões)

Notaremos:

A) — a **descoberta**, entregue á brigada de cavalaria, com o seu *grosso* reforçado com engenharia, artilharia e metralhadoras a cavalo, antecedido, a grandes distancias, dos seus *destacamentos* e *patrulhas de descoberta* (rec. de oficial) — n.º 94 do R. C.—; o proprio *grosso* garantido, ao longe, pela sua *segurança* (n.º 97) mantida por *destacamentos* e *patrulhas de segurança* (de exploração) ou só por estas (espírito do n.º 108) e, immediatamente, pela sua *protecção* privativa garantida pela *guarda avançada* (n.º 110) mais ou menos forte ( $\frac{1}{3}$  a  $\frac{1}{6}$ ) subdividindo-se, por sua vez, em *flecha*, *extrema guarda avançada* e *grosso da guarda avançada*, fracções de efectivo mais ou menos crescente de deante para traz, e todos estes escalões, predominantes em cavalaria, dando ao comandants do Grupo de Divisões o *tempo* e o *espaço* indispensaveis á **manobra para a batalha**. Apoz a **descoberta**,

B) — a **segurança**, possivelmente constituída (n.º 105) pela brigada accidental (seis esquadrões) precedida pela sua *segurança* e *protecção* privativas e escalonadas nos elementos *estrictamente* necessarios (n.º 108) ao cumprimento da sua missão; isto é, garantido, ao comandante do Grupo de Divisões o **tempo** necessario á **manobra na batalha**. Por ultimo, mais á retaguarda um dia de marcha<sup>1</sup>.

C) — a **protecção**, formada (pelo que respeita á cavalaria) pelos seus dois esquadrões, reunidos ou separados, antecedendo a guarda ou guardas avançadas de infantaria de que façam parte e fracionados em escalões de protecção de efectivo sucessivamente maior — á medida que nos aproximamos da

---

<sup>1</sup> A unidade estrategica portuguesa é a *divisão*. Se nesta o *grosso* da cavalaria de segurança não deve, em geral, proceder a *guarda avançada* a distancia superior a meio dia de marcha, não é menos certo que tratando-se (no *caso* considerado) dum grupo de divisões ter-se-ha que elevar tal distancia a um dia de marcha, visto depender do *efectivo*, da *situação* e do *terreno* (n.º 106 do R. C.)

testa ou testa das colunas mixtas—e dominando-se: *flecha*, *grosso da cavalaria da guarda avançada*, e todos eles garantido o **espaço** indispensavel á *manobra na batalha*.

## 2.º caso

(Na zona estrategica em que não exista *cavalaria de descoberta* e apenas se disponha do regimento de cavalaria divisionaria, por exemplo)

Nós veremos aqui, pela redução do efectivo da cavalaria:

— **a descoberta** ser entregue a simples *patrulhas de descoberta* (reconhecimentos de oficial) n.º 108 ;

— **a segurança** (ao melhor de três esquadrões) fazendo-se anteceder, a distancia, por *destacamentos de segurança* (exploração) ou (em condições especiais de *situação* e de *terreno*) só por *patrulhas de segurança* (exploração)—*espírito* do n.º 108 —e, imediatamente pelas fracções indispensaveis á *protecção* propria do *grosso* da segurança.

Por ultimo

— **a protecção**, mais á retaguarda, meio dia de marcha, ligando-se intimamente á infantaria da guarda avançada, ou seja o 4.º esquadrão do regimento divisionario, antecedendo-se duma simples *flecha* e garantindo a coluna das armas suas irmãs (infantaria, artilharia engenharia) contra as surpresas provocadas pelo fogo das peças e espingardas adversas.

## 3.ª caso

(Num recanto de zona estrategica, um destacamento mixto, encarregado duma missão secundaria e dispondo apenas dum simples esquadrão)

Aqui, póde a missão de **descoberta** ser delegada (excepcionalmente, é certo, n.º 149 das I. C. C.) a uma *patrulha de descoberta* (reconhecimento de oficial) **a segurança**, a simples patrulhas deste nome (de exploração) n.º 102 ; e a *protecção*, á *flecha* e aos exploradores isolados ou constituindo pequenas patrulhas (exploradores da flecha, patrulhas de flanco e de ligação) que o *grosso* da cavalaria da guarda avançada apoia a curta distancia.

Ter-me-hia feito compreender ? Conto que sim.

# ENSINAMENTOS DA GUERRA BALKANICA

---

## Funcionamento de diversos serviços

O estudo da guerra balkanica nos diversos aspectos em que a podemos encarar, não é tão desprovido de utilidade como poderá á primeira vista parecer, principalmente se notarmos que essa luta sangrenta, foi efectuada por nações pequenas com areas, populações e recursos, sensivelmente aproximados dos nossos. Parece-nos, ser muito interessante, reunir os dados sobre a organização e funcionamento dos diversos serviços que se encontram dispersos em varias publicações e apresentar sobre eles as considerações que nos foram sugeridas do seu estudo.

As fontes em que temos colhido esses elementos são ainda poucas e não merecem sempre o mesmo grau de confiança. O parcalismo, a pouca seriedade ou falta de conhecimentos técnicos de alguns escritores, a impossibilidade mesmo de se acompanhar o desenvolvimento da acção dos diversos serviços atravez a duração duma campanha, tornam muito difficil recolher os dados indispensaveis para servirem de base á apreciação critica.

Os Estados Maiores dos países que se envolveram na luta balkanica, não publicaram ainda os seus relatorios, e talvez seja provavel que esses trabalhos não venham nunca a publico.

Se, dadas estas circunstancias, é pouco seguro o estudo relativo ás operações e muito mais incerto o que se relacione com o emprego das diversas armas, comprehende-se que grau de difficuldade não atinge a pesquisa dos meios para a analyse

e critica sobre a organização e funcionamento dos diversos serviços.

Mas, entre os trabalhos publicados, vão aparecendo alguns, elaborados por oficiais dos exercitos que entraram na contenda, que naturalmente devem merecer toda a confiança, e nos quais encontramos elementos para contraprovar informações fornecidas por artigos de revistas e jornais diarios, e por algumas monografias.

O nosso artigo, embora não possa, portanto, representar um trabalho completo sobre o assunto que lhe serve de titulo, poderá, cremos, dar uma ideia bastante clara da organização e funcionamento de diversos serviços, pela qual possamos tirar as conclusões que nos sirvam de ensinamento. Devo, porém, dizer desde já, que desta campanha, pelo menos sob o ponto de vista dos serviços, poucos ou nenhuns ensinamentos se recolhem, que contribuam para a perfectibilidade da organização dos serviços, mas, tiram-se outros, que são factores elevados para despertar a atenção e a importancia que cabe a este ramo do organismo militar e a responsabilidade pesada que cai sobre o nome daqueles que administram a parte armada dum estado quando descuram tanto este importante assunto.

## I

### **Factores que influem nos serviços**

Todos sabem que os diversos serviços teem os seus órgãos directores nos quartéis generais e comandos, com o fim de se guiarem pela mesma orientação, obedecerem e subordinarem-se ás operações, e, ainda, para fornecerem aos comandos todos os meios indispensaveis para não se levantarem atritos nos diversos ramos da execução. Os serviços encontram-se, por consequencia, applicados desde as forças mais avançadas na zona de operações e estendem-se por esta e pela zona da retaguarda, até se ligarem com os seus ramos complementares na zona do interior.

Os factores que sobre eles incidem são, portanto, de natureza muito diversa, e exercem uma multiplicidade tal de influencias sobre o seu funcionamento, que só uma organização solidamente estabelecida, resiste a essa acção tão complexa.

Seria exigencia demasiadamente grande supôr-se que neste estudo poderemos apresentar todas essas causas, nas suas variadas modalidades, ou que pelo menos as de maior importancia. Limitar-nos-hemos a esboçar alguns pontos que julgamos mais essenciais.

\*

O homem segundo o grau de desenvolvimento da sua educação física, moral, civica e militar exerce grande influencia sobre os serviços, vejamos como essa influencia se revelou no decorrer da guerra dos Balkans.

O bulgaro e o servio, homens que essencialmente se dedicam á vida agricola, são fortes, robustos, suportam com facilidade as fadigas da vida de campanha, dando, portanto, poucos retardatarios nas marchas. Resistindo á acção deletéria das intemperies, vivendo com quaisquer alimentos, são relativamente refractarios a certas doenças que se manifestam vulgarmente nas aglomerações formadas pelas grandes unidades, e, assim, contribuem para atenuar as deficiencias, sempre certas, nos serviços de subsistencias, simplificam o serviço de saude junto das unidades, e evitam as acumulações nos hospitais da zona da rectaguarda, e o complexo serviço de evacuações.

E, não é só o soldado nestes dois países, que possui as qualidades de resistencia que vimos apontando; não estando ainda desenvolvida ou antes criada a classe media na Bulgaria e na Servia, os governos destes países viram-se na necessidade de, por intermedio de seus delegados, ir pelas escolas primarias procurar os filhos mais inteligentes dos lavradores para os educar á sua custa, conseguindo assim formar medicos, engenheiros, officiais, etc., para o serviço do Estado. Nestas condições, o official é dotado das mesmas qualidades de resistencia que o soldado, e não tem exigencias especiais que, por vezes, complicam a execução de diversos serviços.

Outro tanto já não se pôde atribuir ao grego, que pelas profissões e habitos da vida normal é muito inferior em vigor físico aos restantes homens dos países balkanicos.

O turco é conhecido pela sua aptidão para sofrer as consequencias perniciosas que se manifestam no homem, quando forçado a experimentar esforços violentos. Essas qualidades

julgamos que são mais manifestas no turco asiatico, mas, como a guerra se realizou na Europa e numa quadra do ano em que os rigores do inverno se fizeram sentir demasiadamente, o turco asiatico, habituado a climas mais suaves, perdeu bastante na sua aptidão física.

O inverno foi tão tempestivo, e a sua acção sobre os homens foi tão nociva, que se atribui ao general bulgaro Demetrief a seguinte frase: «a tempestade é nossa amiga», por ela contribuir para afrouxar as condições de resistencia do turco.

O montenegrino, educado desde criança nos habitos militares, vivendo permanentemente numa região acidentada e pobre, é naturalmente preparado para a campanha.

Sendo os bulgaros, servios, montenegrinos e turcos, fisicamente bem constituídos e habituados á vida rude que melhor os preparava para a guerra, a influencia que a organica e funcionamento dos serviços sobre eles exerceu, foi deploravel, como adeante mostraremos; ao passo que na Grecia, tendo relativamente melhor organica, ou antes mais facilidade de contacto entre as zonas de operações e a do interior foi, pelo contrario, o homem, que pela sua pouca preparação para a guerra maior influencia exerceu sobre os serviços.

A Grecia foi o país que melhor montado teve o serviço de subsistencias, graças á facilidade que para esse fim lhe prestava o mar, podendo as forças que operaram no Epiro, receber todos os recursos de que necessitavam, havendo apenas algumas dificuldades para as forças que actuaram na Macedonia. Pois, apesar de todas as circunstancias serem as mais favoraveis para os gregos, foi este exercito que contou maior numero de retardatarios e extenuados durante as marchas, e que mais contribuiu para o aumento da população hospitalar dos estabelecimentos sanitarios de segunda linha. Emquanto nos exercitos bulgaro e servio, por batalhão se contavam 8 a 10 retardatarios, no exercito grego esse numero elevou-se a uma cifra importante, salvo nas tropas gregas formadas pelos ervenos que são fortes e obedientes e com os quais a Grecia constituiu os corpos de policia e da guarda fiscal.

O numero de doentes dos exercitos servio e bulgaro até ao armistício, não foi superior a 2:000 e comtudo estes exercitos marcharam debaixo de chuvas persistentes, combateram sob tempestades enormes, chegando em Monastir o exercito



servio a ter necessidade de atravessar pantanos atingindo a agua o peito dos homens; ao passo que no exercito grego do Epiro não soffrendo tão duras provas, se calcula que a média de doentes foi de 22 0/0.

A educação militar, intuitivamente se comprehende a sua influencia sobre o funcionamento dos serviços, contribuindo principalmente para facilitar os reabastecimentos de munições e de armamento e o serviço de evacuações. O soldado bulgaro, que tem recebido melhor preparação militar entre todos os soldados dos exercitos que intervieram na campanha contra o turco, economisava as munições e conservava cautelosamente o armamento; o servio, embora com menos tempo de serviço militar que o bulgaro, era tambem parcimonioso no emprego do seu armamento; a seguir o grego, com menor preparação, ainda que por vezes revelava certo cuidado com o armamento, principalmente na proteção das alças das espingardas, gastava munições prejudicando e tornando violentos os serviços de reabastecimento; por ultimo, o turco redif, soldado com curta permanencia nas fileiras, pouca atenção dava ao armamento e munições, gastando estas em grande quantidade.

A influencia que a educação moral e civica exerce sobre os serviços, melhor se aprecia pela leitura de outros pontos deste artigo.

\*

Lembramo-nos tratar a seguir da importancia que o *animal* tem no rendimento de diversos serviços. As raças, a quantidade de animais aproveitaveis, o treno a que esses animais estão sujeitos, são factores importantes.

Os exercitos bulgaro e servio, que tiveram de operar em regiões cortadas quasi que exclusivamente por caminhos dificeis, pediam esforços enormes ao gado de tração de viaturas que acompanhavam as tropas, mas atenuavam a fadiga dos animais, procurando dar-lhes alimentação e prodigalizando-lhes cuidados e trato conveniente. As dificuldades de tração, foram tais que, por vezes, nomearam-se piquetes d'infantaria para auxiliar o arrastamento das viaturas, principalmente as da artilharia.

Quando essas dificuldades se apresentaram na condução

das viaturas das tropas, calcule-se o que se passou na condução dos veículos das formações, parques e comboios.

Não dispondo a Bulgária e a Servia de grande produção equina, viram-se forçadas a recorrer ao gado vacum para a tração das viaturas e, daí, resultava naturalmente um abaixamento na produtividade dos serviços que só poderia ser remediada aumentando consideravelmente o numero de comboios e forçando a actividade do pessoal encarregado da direcção e execução dos serviços.

Pode fazer-se ideia do enorme trabalho que foi preciso produzir no funcionamento de alguns serviços, fixando-se que só a Servia requisicionou 100:000 bois durante a campanha, devido á falta de cavalos e muares para a tração de viaturas.

\*

O tipo de viaturas utilizadas nos diversos países nos transportes, tem tambem muita importancia para o funcionamento dos serviços. Sendo a Servia e a Bulgária essencialmente agricolas, com poucos recursos em gado equino, países dotados ainda duma fraca rede de estradas, as viaturas de que mais dispõe são carros de bois, muito imperfeitos e incomodos. Os veículos de tração a cavalos e muares são em pequeno numero, como tambem é ainda muito diminuto o numero de automoveis de que dispõem os diversos países que entraram nesta guerra.

\*

*Organização.*—A organização dos diversos serviços, o modo como eles estão estabelecidos ou previstos desde o tempo de paz tem uma influencia consideravel sobre o seu rendimento em campanha.

Não sendo facil em tempo de paz praticar convenientemente na execução dos diversos serviços e, muito especialmente, nos serviços de 2.<sup>a</sup> linha não é possivel fazer-se ideia precisa do grau de confiança que a organização desses serviços, estabelecida desde a paz, pode merecer em campanha. Mas, os exercicios sobre a carta, as viagens de estudo, a experiencia das campanhas, e a conveniente adaptação das re-

gras estabelecidas em diversos países, podem levar a constituir-se uma organização da qual se possa esperar resultados benéficos.

Só a guerra, por fim, vem mostrar as deficiências ou excelências da organização, que se deve estudar constante e insistentemente para a elevar ao máximo grau de perfectibilidade, e, tanto maior, quanto menor é a possibilidade de ter o pessoal que a executa convenientemente instruído.

Desde a Turquia em que os diversos serviços ou não existiam organizados ou existiam no estado heterogeneo e confuso, passando pela Grecia que os foi constituindo a pouco e pouco, até á Bulgaria em que a organização dos serviços tinha já sido atendida tanto quanto possível, desfila um conjunto de disposições sobre a organica deste importante ramo das forças militares, que revelam bem a influencia que a organização exerce sobre os serviços.

Adeante, quando os apreciarmos, por cada país, mostraremos a delicadeza deste ponto.

\*

*Regulamentos.*—A melhor organização cae na experiencia, se a regulamentação que põe em jogo os diversos órgãos, que os correlaciona, que lhes evita atritos, não existe metodicamente estabelecida.

Diz-se, e com verdade, que um exercito pode não possuir regulamentos quando os graduados dirigentes e executantes dos diversos serviços, possuem conhecimentos perfeitos e completos da doutrina que orientem os serviços; em parte assim é, mas basta que se manifeste diversidade de vistas sobre determinado assunto, para ser indispensavel a existencia do regulamento que fixe a orientação que entre esses diversos modos de vêr deve ser seguida.

O regulamento é, pois, indispensavel, mas torna-se imperioso que seja orientado segundo bons principios, tendendo a aperfeiçoar as suas prescrições e não represente um estorvo á evolução que a cada momento se deve manifestar pela iniciativa bem canalizada.

O melhor regulamento porem, é letra morta, é um valor nulo, se os graduados não possuem conhecimentos tecnicos para o executarem convenientemente.

E' um tanto ou quanto monotona a teoria e o estudo dos serviços, mas é indispensavel conhece-la pormenorissadamente para se applicarem convenientemente os regulamentos e, tanto mais que, como já dissemos, não é facil realisarem-se exercicios praticos sobre os serviços. E' só na guerra, é só no campo da experiencia de facto, que se adquire a pratica.

Nós não conhecemos os regulamentos dos diversos serviços dos exercitos que operaram nos Balkans, mas, pelas informações colhidas e que, adeante, a proposito dos diversos serviços iremos expondo, procuraremos mostrar as deficiencias e defeitos que esta guerra poz em evidencia.

\*

*Auxilio prestado pelas tropas.*—As tropas em operações, como que retribuindo aos serviços todo o auxilio e cooperação que estes lhes prestam, esforçam-se por todos os modos ao seu alcance, em procurar meios de vida que lhes facilitem a sua ardua missão.

E' a cavalaria a arma que mais particularmente trabalha em favor dos serviços, completando ou obtendo informações sobre os dados estatisticos da região que bate; impondo requisições ás autoridades e á população; e apreendendo todos os meios materiais utilisaveis.

Na campanha dos Balkans encontra-se um exemplo notavel da influencia da cooperação da cavalaria aos serviços de 2.<sup>a</sup> linha.

A divisão da cavalaria bulgara, depois da batalha de Kirk Kilisse, tendo perdido o contacto com o exercito turco que bateu em retirada e se supoz ir cobrir-se com o Ergeno, tomou essa direcção seguindo aproximadamente a linha ferrea de Kirk Kilisse. Baba-Eshi; nesta linha ferrea, a cavalaria apreendeu 4 locomotivas e muitas carruagens e, com esta valiosa presa, vai facilitar consideravelmente o funcionamento dos serviços de segunda linha como veremos mais adeante, livrando o exercito duma situação difficil.

Na Turquia foi a infantaria que, á falta de exploração dos serviços administrativos, procedeu a todos os trabalhos de exploração local, empregando batalhões que se destacavam dos grossos das colunas para o desempenho desses serviços.

\*

*A natureza da guerra e o grau de civilização* são outros factores que se fazem sentir na organização e funcionamento dos serviços.

Compreende-se que povos que se odeiam desde seculos, em que os pais transmitem aos filhos a lei fatal da desafrenta pelos crimes de que foram vitimas, e, mais especialmente, pela necessidade de reconquistarem a independencia social e territorial que gosavam, quando chegado o momento de tentarem essas aspirações empreguem meios que repugnam aceitar-se povos que não nutram nem alimentem em alto grau o mau sentimento da vingança <sup>1</sup>.

Nas linhas de comunicações ao longo das quais se empregam os serviços e nas quais é relativamente facil a população exercer danos importantes, e mesmo na zona em que tem logar os percursos das formações dos diversos serviços mais intimamente ligados ás tropas, é indispensavel que a organização e funcionamento dos serviços atenda a esse estado de cousas, protegendo-se de todas as tentativas feitas pela população contra eles, e ainda, pelas complicações que constantemente se levantam perturbando a vida de todos os órgãos dos serviços.

Este odio bem fundo, mais abertamente acentuado entre bulgaros e turcos que entre estes e os outros povos com que lutaram, manifestou-se claramente no seguinte caso que chega a afrontar o mais elementar sentimento de humanidade. Na batalha de Bunhar-Hissar, tambem conhecida por Kaaragath e Lule-Burgas, o flanco esquerdo bulgaro que teve de servir de eixo ou peão á conversão do exercito depois de avançar de Kirk Kilisse para o sul, teve deante de Bunhar-Hissar, devido á precipitação da manobra, de suportar o esforço de um a dois corpos de exercito turco.

As ambulancias bulgaras, embora afastadas da linha de

---

<sup>1</sup> Para ajuizarmos até que ponto se propagava de geração em geração o odio ao turco, basta que citemos a seguinte frase com que as mães bulgaras acalentam os filhos pequenitos. «Dorme, dorme meu pequeno que quando fores grande heide comprar-te uma espingarda para ires á caça do turco.»

fogo, caíram nas mãos dos turcos que levaram de vencida os bulgaros. Os bulgaros mais tarde, executam um retorno-ofensivo, e conseguem repelir os turcos apossando-se de novo das suas ambulancias, mas quando entraram nestas encontraram o pessoal sanitario e os feridos, ao todo 122 homens, sem olhos e sem lingua!! E' certo que, por seu lado, os bulgaros fizeram atrocidades sobre os turcos bastante reveladoras dos sentimentos que possuíam. Este horroroso acontecimento, manifesta bem a indispensabilidade de se adotarem precauções especiais consoante a natureza da guerra e grau de civilização, em todas as linhas de comunicações onde funcionam os serviços que, por vezes, se encontram sem largos recursos de defesa, exercendo a sua acção no meio duma população em geral hostil, ainda que, não seja vulgar encontrar-se povos com educação moral tão inferior como a capaz de produzir acontecimentos analogos ao que acabamos de expôr. Dizem os turcos que os povos que contra eles se bateram, logo que passaram a fronteira turca, incendiavam as povoações e maltratavam as populações, dando logo a nota de que não vinham dispostos á luta entre os estados respeitando as pessoas e propriedades dos cidadãos pacificos, mas antes provocando a guerra com todos os seus horrores selvagens, e considerada como desenvolvendo-se entre os habitantes e não entre os estados beligerantes; e assim com estas declarações os turcos julgam atenuar as muitas barbaridades que na historia ficam registadas como indelevel nodoa.

\*

*Terreno.*—Se lançarmos os olhos para a carta geografica da região balkanica e notarmos a pobreza de linhas ferreas que a cortam; as larguissimas malhas da rede de estradas ordinarias; e, soubermos que os caminhos que unem as poucas e fracas povoações que nessa região existem, são pessimamente traçados e mal reparados. Se observarmos o acidentado do terreno e registarmos que a sua constituição geologica dá grandê impermeabilidade, donde resulta grande escassez de aguas potaveis; é relativamente facil com estes dados, e reunindo-lhes a impressão que já tivemos daqueles sobre que há pouco nos ocupamos, calcular quantas dificuldades apresenta-

ram os diversos problemas a resolver no campo da aplicação dos serviços durante esta guerra.

Por todo o conjunto das razões expostas, necessariamente seria certo e fatal que nesta campanha o rendimento dos serviços de reabastecimento fosse diminuitissimo; que as evacuações se efectuassem em precarias circunstancias; que a exploração pouco, ou por vezes, nada desse em favor dos exercitos, principalmente na região inospita da velha Turquia.

## II

### Descrição sumaria do terreno

Em duas palavras, vamos procurar recordar a impressão que todos nós possuímos da parte da península em que se travou a luta.

O teatro da guerra foi limitado, a Norte, pelas fronteiras do Montenegro, Servia e Bulgaria; a Oeste, pelo Adriatico; a Sul pela fronteira grega e mar Egeo; a Este, pelo mar de Marmara e mar Negro. Compreende duas regiões distintas, uma muito montanhosa, e a oeste, é a Macedonia. A outra, mais plana, cortada pelo Maritza e seus afluentes, é a Tracia. O conjunto forma a península dos Balkans, nome que lhe vem do macisso montanhoso principal situado na região norte.

Ao centro, por Sofia, ha o alto planalto, a que os geógrafos dão de novo o antigo nome de Moesia. Deste planalto sae a cadeia de Rodopes e a oeste os alpes Dinaricos.

A cadeia de Instrandja estende-se ao longo do mar Negro; a de Olompia, Ossa e Pelion ao longo do mar Egeo.

Entre estas e outras montanhas correm bastantes rios, sendo os principais: o Drina (Drina branco e Drina negro), Vardar e o Struma, o Karasou e o Maritza que recebe em Andrino-pla o Arda e o Tundja, e em Tch'orlou o Ergeno.

O vale do Maritza é bom, fecundo e o mais rico da península, o do Vardar é tambem fertil e bem cultivado e vem sendo disputado há seculos entre servios, gregos e bulgaros.

Fóra destes vales a natureza é ingrata. No Montenegro não ha arvores e é quasi completa a nudez do solo; nos Balkans e suas ramificações são extensas as charnecas; no Pindo e nos restantes terrenos ha algumas florestas e bosques, e en-

contram-se bastantes pantanos. Poucas estradas, poucos e pessimos caminhos, grande escacez d'agua e um numero restrito de linhas ferreas servindo em geral povoações de pouca importancia, definem o terreno em que se gladiaram os estados balkanicos.

\*

### **Planos de operações**

Para se acompanhar a exposição sobre o funcionamento dos serviços é indispensavel ligal-a com as operações, para o que, a seguir, damos um ligeiro resumo dos planos de operações e uma indicação do desenvolvimento que estas tiveram.

O exercito bulgaro tinha por objectivo Andrinopla e Constantinopla, e dispoz para a guerra, de quatro exercitos sob a direcção superior de Savoff, da força de 300.000 homens, que a principio constituíam nove divisões e mais tarde onze.

Os servios constituíram tres exercitos, formados como os bulgaros pelo agrupamento de divisões, na força aproximada de 250.000 homens, e, tinham por objectivo Salonica, dirigindo-se pelo vale do Vardar.

A Grecia consegue reunir 110.000 homens, que grupou em dois exercitos tendo o mais importante por objectivo Salonica, e sendo o mais secundario destinado a operar no Epiro, tendo por objectivo Janina.

Os Montenegrinos, na força aproximada de 40.000 homens, alvejavam a conquista de Secutari e assessoriamente Novi Bazar.

Os turcos, para fazer face a esta luta aberta por a totalidade dos estados com que confinavam no territorio que possuíam na Europa, dispunham as suas forças, destinando: quatro corpos de exercito, com cerca de 200.000 homens sob o comando de Abdulah, para atuarem na Tracia, na frente Kirkkilisse-Andrinopla; tres corpos de exercito, formados por 100.000 homens, sob o comando de Riza, na região de Uskub, na Macedonia, para operarem contra os servios; e, finalmente, algumas divisões independentes, para operarem no Epiro e na Albania contra o Montenegro e contra a Grecia.

A guerra começou em outubro de 1912 e terminou em



abril de 1913. Póde decompor-se em dois periodos: o primeiro de 8 d'outubro a 3 de dezembro, data em que se iniciou o armistício; o segundo, de 6 de fevereiro até á tomada de Secutari, em 23 d'abril.

A 9 d'outubro o Montenegro abre as hostilidades. A 17, a Bulgaria, a Servia e depois a Grecia, declaram guerra á Turquia.

De 18 a 21 d'outubro, os bulgaros passam a fronteira; o terceiro exercito bulgaro, sob as ordens de Demitrief, opera o movimento envolvente á linha turca sobre o seu flanco direito em Kirkkilisse, e consegue no dia 23 repelir sobre Eski-Baba, o nucleo principal das forças do general turco Mamouth Pachá, retirando outras em direcção a Bunar-Hissar. Perdida a primeira linha de resistencia o exercito turco passa a ser commandado por Nazim que divide o exercito em dois exercitos desenvolvendo-os na posição Lule-Burgas ao sul do Ergeno. Dá-se depois a batalha de 29 d'outubro a 2 de novembro por um ataque de frente sobre Turchey, o exercito bulgaro repele os turcos para as linhas de Tchataldja. Nestas posições detem-se o esforço bulgaro, e nesta situação desenvolve-se nas tropas as epidemia do colera e a desinteria que levam os exercitos ao armistício.

Na Macedonia os servios executam com 3 exercitos uma marcha concentrica sobre Uskub. O 4.º exercito em Novi Bazar opera a junção com os Montenegrinos.

O 1.º exercito derrota os turcos em Kumanovo em 23 e 24 d'outubro.

Em 26 e 27, tres colunas servias operam a junção na região de Uskub, abandonada pelos turcos que deixam parte dos seus aprovisionamentos e a artilharia.

Destaca-se uma coluna servia por Salonica, os servios preseguem as guardas da retaguarda dos turcos por Prilep (6 de novembro) e chegam a Monastir onde, depois de quatro dias de batalha (15 a 19 novembro), uma vitória definitiva põe fóra da luta o exercito turco da Macedonia.

Os gregos atacam no Epiro marchando sobre Janina, e na Macedonia o principal exercito commandado pelo Diodoque, expulsa os turcos de Elassona, de Verria, de Jenitza e obriga Salonica a capitular a 9 de novembro.

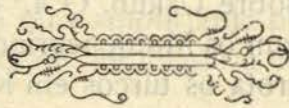
O Montenegro colabora no sucesso dos gregos e toma

a 17 de novembro o porto de S. Jean de Medua, mas conserva-se na frente do seu objectivo principal Scutari.

De 3 de dezembro a 6 de fevereiro as operações são interrompidas pelo armistício. O golpe tentado pelos jovens turcos vem procurar obter vantagens para a decisão da luta, mas Janina, Andrinopla e Scutari não podem continuar a resistência e capitulam, a 9 respectivamente a 26 de março e 31 d'abril.

Cessa a luta contra a Turquia e inicia-se a guerra entre os aliados que não interessa ao estudo que vimos fazendo.

Setembro de 1914.



O 1º exercito de...  
Em 26 e 27 tres columnas...  
Destaca-se uma columna...  
novembro) e chegam a...  
de batalha (15 a 19 novembro)...  
da luta o exercito turco da Macedonia...  
Os restos atacam no Epito...  
Macedonia o principal exercito...  
expulsa os turcos de...  
Salonica a capitular a 6 de novembro...  
O Montenegro colheu...

## Obras oferecidas

- 1 J. DA MATA OLIVEIRA, 1.º tenente de marinha. — **O Poder Marítimo na Guerra da Península.** *Memoria premiada no concurso literario comemorativo da Guerra Peninsular.* — Lisboa, 1915. — 1 vol. (0<sup>m</sup>,20×0<sup>m</sup>,13) com 520 pag.

Escrito com o proposito de pôr em evidencia um dos factores que mais concorreu para o bom exito da Guerra Peninsular, qual o dos exercitos anglo-luso-espanhois terem assegurado durante ella o dominio do mar, o livro agora publicado inspira-se na mesma doutrina que tornou classica a obra do almirante Mahan, recentemente falecido, e na qual, percorrendo o largo periodo historico, que vai de 1660 a 1783, este escritor demonstrou como a conquista do dominio maritimo havia nele exercido a missão preponderante nas campanhas, que até então haviam sido travadas.

Na Guerra Peninsular, que não fôra abrangida naquele importantissimo estudo, que só alcança a campanha a que poz termo o tratado de paz de Versailles, de 3 de setembro de 1783, ainda a mesma influencia se fez sentir, não obstante o facto ainda não haver tido o merecido relêvo pelos historiadores, designadamente pelos nacionais, certamente devido a ser então quasi nullo o nosso poder maritimo nas aguas da Europa e a não haver sido disputado o dominio do mar no periodo da guerra continental. Mas, como bem explica o sr. Mata e Oliveira logo no preambulo do seu livro, se tal succedeu, foi por o dito dominio já haver sido préviamente assegurado duma forma indirecta, mas absoluta e completa.

O volume escrito por aquelle nosso distinto camarada vem preencher, portanto, a lacuna apontada, sem contestar por modo algum que outros factores, além do Dominio do Mar assegurado durante a Guerra da Península, hajam simultaneamente concorrido para o resultado da luta.

Quiz o autor demonstrar que, embora as apparencias lhe sejam desfavoraveis, o poder maritimo exerceu na sequencia daquella luta uma acção sempre efficassima, fornecendo em muitos casos aos exercitos aliados um auxilio insubstituivel, secundando e preparando as operações concebidas. E, estudando paralelamente os acontecimentos occorridos na Espanha e Portugal, buscou ainda o autor confirmar os principios derivados da teoria, que ensina serem superiores, sob o ponto de vista do poder maritimo, as condições geograficas e estrategicas do nosso país em relação ás do reino visinho.

Do que fica exposto, embora sumariamente, deduzirão os nossos leitores quanta importancia e interesse merece o livro do sr. Mata e Oliveira, que apresenta pontos de vista inteiramente novos na apreciação de uma campanha sobre a qual tanto se tem escrito, o que levaria a crêr ser quasi que impossivel dizer ácerca dela cousa que não houvesse já sido mencionada e comentada.

É privilegio de que dispoem os estudiosos inteligentes o prenderem a atenção dos leitores com a exposição de doutrinas, que apresentem o cunho de originalidade, e simultaneamente encantem pela clareza da exposição. Encontram-se reunidos no livro de que estamos dando noticia esses dois meritos, e por isso temos a convicção de que ele ha de ser acolhido pelo publico com verdadeiro aplauso. A distincção que mereceu no concurso literario comemorativo da Guerra Peninsular é o principio da sua consagração.

2 *Academia das Sciencias de Lisboa.*—**Memorias para servirem á historia da campanha do Alemtejo, em 1801**, por JOSÉ MARIA DAS NEVES COSTA, *brigadeiro de engenheiros*. Publicadas por HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, *capitão de artilharia*.—Coimbra, 1914.—1 opusc. (0<sup>m</sup>,23×0<sup>m</sup>, 14) com 101 pag.

O brigadeiro Neves Costa, autor da memoria que anunciamos, foi um dos mais notaveis officiaes que tem tido o exercito portuguez. Valiosos trabalhos escreveu, mas o mais importante serviço, que prestou á sua patria foi o de, em 1808, sendo ainda major, antes do estabelecimento das famosas linhas de Torres Vedras, que fizeram deter a invasão e causaram a retirada do exercito de Massena, em 1810, ser ele quem reconheceu e recomendou á regencia do Reino as posições que então foram occupadas, e executou os levantamentos topograficos, de que se utilizaram os engenheiros ingleses, quando o general Wellington ordenou a sua construção<sup>1</sup>.

São varios os trabalhos, que tem sido publicados na imprensa, devidos ao esclarecido engenheiro. A *Memoria*, agora publicada pelo sr. Ferreira Lima, foi por este adquirida em um alfarrabista da capital e, para não ficar no olvido, resolveu o seu possuidor publica-la no *Boletim da Academia das Sciencias de Lisboa*. Foi um bom serviço prestado ás letras patrias e ao exercito.

Em breve introdução, com que abre esta publicação, refere-se o sr. Ferreira Lima a escritores que tomaram a peito tornar conhecidos o nome e serviços do brigadeiro Neves Costa. Permita-nos aquele nosso camarada dizer-lhe, porém, que em tal missão não ha quem justamente se possa avantajár á *Revista Militar*, que não citou. Logo que ela começou a publicar-se, em 1849, no seu primeiro numero figura o *Ensaio sobre a*

<sup>1</sup> Em novembro de 1808, que foi quando o major Neves Costa encetou os alludidos trabalhos, ainda não existiam officiaes ingleses ao serviço do exercito portuguez. Em 4 de março de 1809 estava concluida e entregue ao secretario da guerra a carta topografica daquela região, sendo a memoria descritiva das diversas posições entregue em 6 de junho de 1809.

*teoria do relêvo dos terrenos*, que havia sido escrito em 1824 pelo brigadeiro José Maria das Neves Costa. E, no n.º 4, o distinto tenente coronel engenheiro Moreira de Bergara levantou bem alto a memoria daquele nosso compatriota não só com as referencias, que produziu, mas pela publicação, que fez, do requerimento dirigido a D. João VI, solicitando uma recompensa pelo serviço, que prestára, mostrando a importancia das linhas de Torres Vedras. No quarto volume da *Revista Militar*, relativo a 1852, são publicadas as *Considerações militares sobre as montanhas de Castelo de Vide*, escritas em 1817. Continuando a folhear a colecção do nosso jornal encontrará ainda o nosso camarada não só a publicação de outros trabalhos, ainda então ineditos, mas as referencias mais elogiosas que se tem escrito ácerca de Neves Costa. Que nos seja relevado o recordar os serviços que prestaram á memoria de tão distinto militar os officiaes que nos precederam na direcção deste jornal, os quais souberam tornal-o indispensavel e precioso alfofre para quantos se dedicam ás investigações historicas.

- 3 *Regimento de Infantaria n.º 32. 17 janeiro 1915.* — **Apresentação da Bandeira Nacional aos recrutas.** — *Alocução por MANUEL PEIREIRA DA SILVA, major de infantaria n.º 32.* — Penafiel, 1915. — 1 opusc. (0<sup>m</sup>,165×0<sup>m</sup>,11) de 8 pag.

São sempre dignos de consideração os trabalhos em que se procuram exaltar as virtudes civicas, mas mais especialmente no nosso país onde essa propaganda tanto tem sido descurada. O autor do opusculo, que temos na nossa frente, procurou atenuar os efeitos de tal falta, e dirigindo-se aos soldados seus subordinados, no acto da apresentação dos recrutas, e apontando-lhe para a bandeira nacional, procurou despertar-lhes os mais vivos sentimentos patrioticos, usando para tal fim de uma palavra clara, quente e persuasiva, a qual não deixou por certo de produzir os desejados efeitos. Deve estar satisfeito com a sua consciencia quem assim busca servir a sua patria com tamanha confiança na missão que lhe está destinada.

- 4 *Republica Portuguesa.* — **Relatorio apresentado ao Parlamento, pelo ministro da marinha AUGUSTO EDUARDO NEUPARTH.** — Lisboa, 1915. — 1 opusc. (0<sup>m</sup>,30×0<sup>m</sup>, 20) de 28 pag.

A materia principal deste Relatorio é constituída pela apresentação das medidas mais importantes, que foram tomadas para melhorar os serviços navais durante o periodo da gerencia do seu autor, as quais este afirma haverem sido ditadas pela firme e inabalavel boa vontade de acertar, o que ninguem pretenderá contestar.

São sempre uteis as publicações desta natureza, não sómente porque contribuem para esclarecer factos ocorridos, mas porque mostram a coordenação existente entre diversas providencias tomadas superiormente, cuja ligação não tinha sido devidamente apreciada pelo vulgo.

Qualquer que seja o conceito, que aos tecnicos hajam merecido as

providencias adotadas pelo sr. Neuparth, o que não se poderá justamente contestar-lhe, depois da leitura do *Relatorio*, é que se esforçou quanto lhe foi possível para servir o seu país e para corresponder á confiança com que foi honrado ao ser chamado ao exercicio do alto cargo, que lhe foi confiado.

5 GÉNÉRAL MAITROT. — **Nos Frontières de l'Est et du Nord — L'offensive par la Belgique. La Defense de la Lorraine.** — 3.<sup>e</sup> edition, mise à jour en 1914. Avec 8 cartes et 3 croquis. — Paris, Nancy, Berger-Levrault, editeurs. — 1915. — 1 vol. (0<sup>m</sup>,22×0<sup>m</sup>,14) — Prix : 2 fr. 50.

O elogio do presente trabalho está no numero de edições produzidas no breve tempo decorrido desde a sua aparição. O general Maitrot tem um nome consagrado em França. Os acontecimentos ocorridos na guerra presente demonstram, que soube estudar com escrupulo as questões de estrategia e de tactica, que interessavam ao seu país. O volume, que anunciamos, contém os famosos artigos, que ele havia escrito no *Correspondant*, em junho de 1911 e julho de 1914, relativos á offensiva alemã pela Belgica, e dos quais se mostra a clarividencia e cultura do seu espirito.

Com respeito á attitude e acção da Belgica, depois de transcrever a letra do tratado de 15 de novembro de 1833, que proclama — «constituir a Belgica um estado independente perpetuamente neutro, sendo obrigado a guardar essa neutralidade para com todos os Estados» — escrevia o general as seguintes linhas :

«Não obstante esta declaração solene e precisa, sustentamos que a neutralidade da Belgica será apenas uma vã palavra, se não se apoiar sobre um forte exercito, capaz de a fazer respeitar... e talvez nem mesmo assim !

«Estará nestas condições o exercito belga actual? Respondemos ousadamente: não, por dois motivos. O primeiro, porque a sua mobilização é demasiado lenta; o segundo, porque os seus efectivos são insufficientes».

Os factos ocorridos confirmam inteiramente a serie de considerações expendidas pelo general para demonstração da tésé exposta, e o que é mais para sentir é que elas não hajam sido inteiramente atendidas, tanto na França como na Belgica, na ocasião em que foram publicadas.

O General Maitrot foi o principal autor da lei, que restabeleceu o serviço de 3 anos. Nesta questão a sua opinião obteve a consagração dos poderes publicos, graças á activa propaganda que então desenvolveu em uma serie de artigos, que impressionaram a opinião. Hoje todos lhe fazem a devida justiça, reconhecendo que se aquella opinião não houvesse vingado, o facto equivaleria quasi que á entrega da França manietada ao invasôr.

Fundado em considerações equivalentes é que o *Echo de Paris* escrevia, ha pouco, que todos os franceses deviam lêr os escritos do General Maitrot, para assim poderem apreciar os serviços que havia prestado á Patria, e reconhecer a divida de gratidão que para com o distinto mili-

tar haviam contraído os que colocavam acima de tudo o mais a salvação e o triunfo da França.

Nós, os estrangeiros, também bastante temos que aproveitar na leitura dos referidos escritos, que são modelos de previsão e de solida cultura profissional.

- 6 GÉNÉRAL MAITROT. — **Les armées française et allemand. Leur artillerie, leur fusil, leur matériel : Comparaison.** — Paris, Nancy. — Berger-Levrault, éditeurs. — 1 vol. (0<sup>m</sup>,165×0<sup>m</sup>,125) de 144 pag. Prix : 1 fr.

Quando, em 1913, se publicou a primeira edição dos trabalhos relativos á preparação da guerra, do general Maitrot, que haviam aparecido primitivamente á luz publica sob a forma de artigos no jornal *Correspondant*, foram reunidos em um só volume, não sómente os que se referiam á questão estrategica, intitulados *Nos Frontières de l'Est et du Nord*, mas os relativos á questão organica, em que se condenava o serviço de dois anos e mostrava a indispensabilidade da regressão ao serviço de três anos, e ainda os que se referiam ao armamento adotado nos exercitos francês e alemão e seu estudo comparativo.

Na nova edição, que agora foi lançada no mercado por aquela se haver esgotado inteiramente, os assuntos referidos foram devidamente separados, sendo esta a razão de ser do opusculo, que agora anunciamos. E tal tem sido o acolhimento que encontrou no publico, que o exemplar que temos na nossa frente pertence já á collecção do *quatrième mille*, o que demonstra a rapidez com que foram esgotados os primeiros milhares de exemplares. O melhor elogio de tal publicação está neste facto.

A brochura *Les Armées française et allemande* descreve o armamento dos dois exercitos: a espingarda, as metralhadoras, a artilharia ligeira e a pesada de campanha; especifica os aprovisionamentos de munições e seu meio de transporte; apresenta os dirigiveis e aeroplanos adoptados; e estabelece no final a comparação entre todo esse variado material. Por ultimo, trata do fornecimento da carne aos exercitos em campanha, apontando não só as antigas e novas soluções, mas as que ainda será possível adoptar, e formulando sobre o assunto considerações gerais dignas de meditação.

Como se vê pelo que fica dito, esta brochura tem a maior oportunidade, sendo dignas de registo a cultura profissional e a previsão, que o autor demonstrou ao escrever tal trabalho, tempo antes das suas doutrinas receberem a consagração dos factos consumados.

- 7 **Pages d'histoire — 1914.** — Paris, Nancy. — Berger-Levrault, éditeurs.

Sob esta rubrica tem a acreditada livraria militar mencionada continuado a publicar diferentes brochuras, todas da maior oportunidade, nas quais vão sendo cuidadosamente compilados os documentos mais interessantes referentes á guerra actual, que respeitam aos diversos beligerantes.

São já em numero de trinta as que tem visto a luz da publicidade, sendo as ultimas, que recebemos, as que passamos a referir com a indicação dos seus respectivos numeros de ordem :

- 16 **A' L'Ordre du Jour.** IV. Du 15 au 26 octobre 1914. Citations, promotions, legion d'honneur, medaille militaire. Prix : 60 cent.
- 17 **A' L'Ordre du Jour.** V. Du 28 octobre au 1<sup>er</sup> novembre 1914. Id.
- 18 **Les Communiqués Officiels depuis la déclaration de la guerre** V. Du 1<sup>er</sup> au 30 novembre. Suite chronologique des dépêches du gouvernement français. Resumés officiels des operations. Prix : 60 cent.
- 19 **A' L'Ordre du Jour.** VI. Du 6 au 10 novembre 1914. Citations, etc.
- 20 **Les Pourparlers Diplomatiques.** 24 juillet-29 aout. II. Le livre gris belge. Neutralité de la Belgique. Prix : 60 cent.
- 21 **Les Pourparlers Diplomatiques.** 10/23 juillet-24 juillet 16 aout-III. Le livre orange russe. Prix : 60 cent.
- 22 **Les Pourparlers Diplomatiques.** 16/29 juin-3/16 aout. IV. Le livre bleu serbe. Négotiations ayant précédé la guerre. Prix : 60 cent.
- 23 **La Séance historique de l'Institut de France.** Lundi 26 octobre 1914. Avec un préface de M. Henri Welschinger. Prix : 60 cent.
- 24 **Extraits du Bulletin des Armées de la République.** III. Les Premiers-Bordeaux. Du 24 octobre au 6 décembre 1914. Prix : 60 cent.
- 25 **Les Pourparlers Diplomatiques.** 24 juillet-2 aout. V. Le livre blanc allemand. Prix : 60 cent.
- 26 **Les communiqués officiels depuis la declaration de guerre.** VI. Du 1<sup>er</sup> au 31 decembre. Suite chronologique des dépêches du gouvernement. Resumés officiels des operations. Prix : 60 cent.
- 27 **L'Allemagne et la guerre,** par Emile Boutroux, de l'Academie Française. Lettre à la *Revue des Deux Mondes* 1870 et 1914. La Patriotisme Français et la guerre. Prix : 40 cent.
- 28 **La Folie Allemande.** Documents allemands : Les Appétits Allemandes ; La Guerre Allemande ; Les Intellectuels Allemands. Prix : 30 cent.
- 29 **La Journée du 22 décembre.** Préface de M. Henri Welschinger, membre de l'Institut. Prix : 60 cent.
- 30 **Chronologie de la guerre.** 31 juillet-31 décembre 1914. Prix : 40 cent.
- 31 **A' L'Ordre du Jour.** VII. Du 11 au 21 novembre 1914. Citations, etc. Prix : 60 cent.
- 32 **Le 75.** Conférence faite par M. Th. Schlœsing Fils. Prix : 40 cent.
- 33 **A' L'Ordre du Jour.** VIII. Du 22 au 25 novembre 1914. Citations, etc. Prix : 60 cent.
- 34 **Les Allemands en Belgique. Louvain et Aerschot.** Notes d'un ténion hollandais. Prix : 60 cent.
- 35 **Les Communiqués Officiels.** VII. Du 1<sup>er</sup> au 31 janvier 1915. Suite chronologique des dépêches du gouvernement français. — Resumés officiels des opérations. Prix : 60 cent.
- 36 **Voix Américaines sur la guerre de 1914-1915.** Articles traduits ou analyses, par S. R. Prix : 60 cent.



- 37 **Voix Américaines sur la guerre de 1914-1915** Nouvelle serie. Articles, etc. Prix : 60 cent.
- 38 **Les Pourparlers Diplomatiques.**—Le second livre orange-russe. Prix : 60 cent.

A simples indicação dos titulos das diferentes brochuras basta para assegurar a importancia dos assuntos contidos em algumas delas. Não é de estranhar, portanto, que da maioria se hajam feito já tiragens de 6 e 7:000 exemplares, aumentando dia a dia esse extraordinario consumo.

M. S.

---

---

## CRÓNICA MILITAR

### Alemanha

**O morteiro de 42 centímetros.**—A subita operação desta nova peça na scena da guerra, despertou grande interesse em toda a parte, sobretudo no mundo militar, mas até ao presente a informação que dêle se tem aparece rodeada de incerteza.

Todavia, a revista inglesa *Engineer*, que durante os ultimos meses vem publicando varios artigos sobre o material de guerra alemão, faz algumas conjecturas ácerca do que pode ser esta nova peça, que, por as considerar de interesse, dada a indiscutível autoridade nêstas questões da referida publicação, as extratamos a seguir.

Parece que este morteiro não pode ser transportado, como os demais de menor calibre, pelas estradas ordinarias, sem que vá montado permanentemente em uma plataforma especial de 18<sup>m</sup> de comprimento, disposta para se mover sobre as vias ferreas correntes.

Mas como esta plataforma, pelo seu comprimento, não poderia tomar as curvas de pouco raio, vai disposta por sua vez sobre dois *trucks*.

Graças a uma disposição especial, o peso da peça na posição de fogo, descança todo ele sobre a parte central da plataforma a fim de aligeirar de carga os *trucks*, fazendo-se o tiro a respeitavel distancia por meio de um simples artificio electrico.

O projectil, ao qual se atribue o comprimento de 1<sup>m</sup>,52 está carregado de acido picrico, podendo fazer-se os tiros até uma distancia de uns 14 ql., com um angulo de elevação de 45°.

Uma pequena grua, giratoria, levanta os projecteis do carro de munições e coloca-os sobre uma bandeja de carga, sendo até agora desconhecido o processo que usam para o introduzir na camara.

O trem completo de sitio, numa destas peças, é de proporções surpreendentes. Alem da plataforma onde vai o canhão, formam-o : uma locomovel com o seu tender, um vagon para as munições, uma viatura para o pessoal e

outra para transportar um motor a petroleo, uma dinamo, bombas hidraulicas e outros apetrechos. Tudo isso vem a fazer umas 300 toneladas.

Provavelmente as paredes do projectil são relativamente delgadas, mas pela enorme carga de explosivo que deve levar, o seu peso não passa certamente de  $\frac{3}{4}$  de tonelada para cada um. Isto, junto ás dificuldades que o manejo da peça significa, faz pensar no numero limitado de tiros por dia que estes morteiros podem disparar.

Considerando os prós e contras desta nova arma, há motivos para suspeitar que as vantagens por agora, estão da banda dos menores calibres. O obuz austriaco de 28 cm., por exemplo, com um projectil de 340 kg. e transportavel por boas estradas, ha de ser de muito mais utilidade para as operações, apreciadas no seu conjunto.

### **Austria-Hungria**

**Morteiros com tracção mecanica.** — Uma agencia de Vienna publica uma informação bastante minuciosa sobre a origem e construção dos morteiros austriacos de 30,5 cm. a qual transcrevemos.

Emquanto que a Alemanha, com as vistas postas na grande rede de caminhos de ferro franceses, construiu uma enorme peça transportavel sobre rails, os austriacos tiveram que pensar no processo de tracção adaptavel a toda a especie de estradas, em vista da escassez e do mau estado do sistema de caminhos de ferro da Russia.

Depois de repetidas experiencias, chegou-se ao conhecimento de que o calibre maximo a que se podia chegar era de 30,5 cm. e procedeu-se á fundição deste morteiro nas oficinas que a casa Skoda possui em Pilsen.

Esta peça dispara projecteis de 385 kg. de peso, sendo decomposta, para o transporte, em 3 secções que vão montadas sobre outros tantos vagons convenientemente dispostos para poder armar a peça em um espaço de tempo relativamente curto.

O arrastamento do trem completo efectua-se por meio de um tractor automovel munido de um motor Austro-Deimler de 100 cavalos de força.

O éxito obtido por estas peças em Namur, Givet e Manbeuge não surpreendeu os que as conheciam. Em compensação, o morteiro alemão de 42 cm. não poude ser utilizado senão contra os fortes de Liege, por ter que sujeitar a sua marcha ao traçado das linhas ferreas.

Logo que estes morteiros chegavam á estação de desembarque, duas baterias partiam para o seu destino, marchando á razão de 35 kl. no primeiro dia e 20 durante o segundo, para romper o fogo no dia seguinte contra os fortes norte de Namur, obrigando a praça a render-se ao cabo de um bombardeamento de 3 dias.

Após um pequeno descanso proseguiram estas peças o seu avanço até Manbeuge, fazendo 60 kl. em 3 dias e conseguiram render tambem esta fortaleza.

**Bombas asfixiantes.** — Segundo o *Militärische Rundschcn*, por iniciativa do general Filxschert, vão-se construir umas bombas munidas de envulcuro metalico e carregadas com 30 kg. de thermita e 50 kg. de arsenico.

Destinadas a serem lançadas dos aeroplanos sobre os navios, ao tocarem

nestes fazem explosão. A thermita provoca, em seguida a elevação de temperatura a 3.000 graus; sob a influencia desta temperatura, o arsenico produz gazes venenosos de grande expansão, que se desenvolvem rapidamente por sobre a coberta do navio entrando por todas as aberturas (ventiladores, portas, escadas, etc.) asfixiando e matando os homens.

### **Estados- Unidos**

**Oficiais adidos ao exercito alemão.**—Para seguir as operações do exercito alemão, o governo mandou 6 officiais á Europa.

Ao serem nomeados teve-se em conta, mais especialmente, que todos saibam o alemão e o francês, e bem assim que possuam tambem as aptidões profissionais que se requisitam para estes cargos.

**Os beligerantes e o canal de Panamá.**—O governo acaba de publicar umas instruções para regular o uso que do canal de Panamá podem fazer os beligerantes, baseadas, nas suas linhas gerais, nas convenções da Haya sobre portos neutros.

Estas instruções estabelecem que para a passagem pelo canal é precisa uma licença por escrito das autoridades do mesmo, e que os beligerantes não poderão abastecer-se senão com o suficiente para poder alcançar um porto amigo, adquirindo as provisões precisamente por intermedio das autoridades do canal, sem que por forma alguma possam abastecer-se dos particulares.

Nenhum navio beligerante poderá permanecer por mais de 24 horas em aguas do canal, nem abandonar este dentro das 24 horas que se sigam á partida de um navio inimigo.

Não será permitida a permanencia simultanea no canal a mais de 3 navios da mesma nação ou de nações aliadas; não se consentirão reparações de nenhuma especie, salvo um caso de perigo reconhecido para o navio que as intende.

Fica absolutamente proibida a aterragem ou a caída de qualquer especie de aeronave em toda a zona do canal.

Finalmente, os navios beligerantes não poderão utilizar os portos da zona do istmo, mais que uma unica vez em cada três meses.

**Novo explosivo.**— Em Vancouver realizaram-se experiencias com um novo explosivo, cujo efeito destruidor se considera três vezes superior ao da dinamite.

A sua principal vantagem reside em que se pode manipular sem perigo algum, visto que nenhuma das substancias que entram na sua composição são por si explosivas. Alem disso, submetido o explosivo ás temperaturas de 258° Fahrenheit e 75° abaixo de zero, as suas propriedades não sofrem alteração.

Outra propriedade importante dele é que não produz efeitos toxicos no momento da explosão, notando-se apenas um ligeiro cheiro absolutamente inofensivo.

## França

**Artilharia.** — Segundo a *France Militaire*, os princípios fundamentais do emprego tático da artilharia de campanha podem condensar-se nas 12 proposições seguintes: 1.<sup>a</sup> A artilharia deve dar a preferencia ás posições cobertas; 2.<sup>a</sup> Se alguma bateria fôr obrigada a colocar-se em posição a descoberto, é necessario que actue sob a protecção de outra que se encontre desenhada; 3.<sup>a</sup> Deve esforçar-se por entrar em posição antes do inimigo; 4.<sup>a</sup> A troca de posição, durante o combate, só pode admitir-se em troca de vantagens reais e bem definidas; 5.<sup>a</sup> Das baterias que estejam em posição só devem romper fogo aquelas que as circunstancias reclamem e a importancia do objectivo; 6.<sup>a</sup> O tiro contra alvos a coberto será o de mais frequente emprego; 7.<sup>a</sup> Dada a protecção que os escudos proporcionam ao material, o duelo da artilharia nunca poderá ser decisivo; 8.<sup>a</sup> O tiro obliquo produzirá o maximo efeito, porque permitirá bater os angulos mortos; 9.<sup>a</sup> O caracter do tiro deverá adaptar-se ás circunstancias. Segundo a situação, se fará fogo continuo ou intermitente, lento ou rapido; 10.<sup>a</sup> E' da maior importancia vigiar o consumo de munições; 11.<sup>a</sup> O tiro feito por cima das proprias tropas será necessario; com frequencia sobre linhas de infantaria e algumas vezes sobre a artilharia; 12.<sup>a</sup> A artilharia, tanto em marcha, como em posição, requer a protecção das outras armas.

**Construção de projecteis em uma fabrica de automoveis.** — A fabrica Renault que, como todas as grandes manufacturas de automoveis, possui grande quantidade de tornos e, em geral, maquinismos e ferramentas adoptaveis á construção ou conclusão de projecteis, dedica-se, por motivo da guerra, a este genero de trabalho, sem abandonar o do fabrico de automoveis ligeiros e de transporte e o de motores para a aviação.

O trabalho diario consiste na conclusão de 4.000 ou 4.500 granadas explosivas, exclusivamente para a peça de campanha de 75<sup>mm</sup>, que se entregam seguidamente á artilharia, que as carrega nas oficinas que a casa Schneider possui no Havre.

A fabrica que a mesma casa Schneider possui no Creuzot envia á de automoveis Renault, muitos corpos de projecteis que esta ultima torneia interior e exteriormente e ás quais adapta a cabeça, a espoleta-detonador e a cinta de cobre, ou ainda, e é mais frequente, troços cilindricos de aço de 3<sup>m</sup> de comprimento, os quais, cortados e torneados, são transformados nos ditos corpos. A estes une-se depois, á rosca, a cabeça ogival, a qual segundo as necessidades e marcha do trabalho, é concluida, separada do corpo ou unida a ele.

Na mesma fabrica constroem-se as espoletas de percussão necessarias para estas granadas explosivas, com os seus accessorios de capsulas de cobre, etc.

A 13 de dezembro de 1914 estava a fabrica em pleno periodo de actividade elevando-se a sua produção de automoveis a 100 carros por mês.

Então continha a fabrica 5.000 operarios, devendo-se observar que os que dentre eles estavam sujeitos ao serviço militar não se tinham incorporado nas fileiras e continuavam nos seus respectivos postos nas oficinas, por deliberação superior.

Decerto, quantas fabricas e oficinas particulares, que não se empregam habitualmente na produção de material de guerra, são susceptíveis de cooperar na acção dos estabelecimentos do Estado, trabalharão em todas as nações beligerantes com actividade analoga á que desenvolve a fabrica francesa de Renault. O problema de aumentar as existencias de canhões e espingardas, de repôr as baixas que nestes se produzem por perdas e deteriorações, de substituir as munições que se consomem, admite muitas complicações e dificuldades, tantas que ele só poderá ser resolvido devidamente nas nações que dispõem de grandes meios industriais, cuja cooperação está, de resto, prevista e organizada desde o tempo de paz.

O que importa evitar é que em plena luta se esgotem as munições. Há um caso bem característico sucedido na guerra dos Balkans, na batalha de Lule Burgas, perdida pelos turcos por ter ficado a sua artilharia sem munições, com o que a infantaria, por falta de apoio desta arma, quando tinha que suportar toda a violencia do tiro da artilharia bulgara, abandonou as suas posições em meio de verdadeiro panico.

**A aviação na guerra.**—O aviador suiso Poulet—diz o *Nouvelliste*, de Syão—, cujas proezas são bem conhecidas, distinguiu-se pela sua intrepidez e habilidade no serviço que presta no exercito francês.

Um dos seus compatriotas, que conversou com êle, obteve as seguintes informações:—A 2.000<sup>m</sup> de altura estaveis ao abrigo dos tiros e não tereis nada que recear.—E' uma opinião essa bastante curiosa—replicou o aviador Poulet—. Está aceito como moeda corrente, mas é falsa.

A 2.000<sup>m</sup> corremos os mesmos riscos que a 500<sup>m</sup>, e as granadas alcançam-nos a 3.000 e 3.500<sup>m</sup>. A esta altura, Buisdejon des Moulinais viu muitas rebentar proximo do seu aparelho e em boa direcção.

Mas os pilotos franceses são habeis e audazes, e á sua acção resoluta se deve frequentemente que se livrem de um funesto resultado. Reconhecemo-lo porque é verdade: os aviadores alemães são de primeira ordem, e o governo imperial deu-lhes excelente material. Teem nos seus aparelhos instrumentos muito uteis para descobrir as tropas inimigas, bombas com fumo negro e denso, aparelhos de telegrafos sem fios, etc.; todavia os seus melhores pilotos teem sido deitados a terra e os que os substituiram não valem aqueles.

Em certa ocasião estava realisando um reconhecimento com um companheiro da minha flotilha. Não tinha naquele dia observador, nem o meu companheiro tampouco. Vigiavamos um bosque suspeito, quando de repente, a 1.000<sup>m</sup> de mim, vi o aparelho do meu companheiro que se elevava rapidamente em posição quasi vertical. Acabava de ser alcançado por uma granada e vi como êle caiu.

## Holanda

**Exercito.**—O exercito mobilizavel é constituído por 4 divisões e 1 brigada de cavalaria. Cada divisão compõe-se de um Estado maior, 3 brigadas de infantaria a 2 regimentos, uma companhia de ciclistas, um grupo de metralhadoras, 1 ou 2 esquadrões de cavalaria, um regimento de artilharia de montanha, uma companhia de engenharia, uma unidade de pontes e os serviços auxiliares correspondentes.

Os regimentos de infantaria tem 3 batalhões e uma secção de metralhadoras. Os de artilharia, 3 grupos de duas baterias a 6 peças cada uma.

A brigada de cavalaria compõe-se de 4 regimentos.

Formam as tropas de fortaleza : 12 batalhões de infantaria, 52 companhias de artilharia, 2 companhias de torpedeiros, 4 secções de engenheiros, serviços telegraficos e telefonicos de costa e tropas de administração militar e saude.

O contingente anual eleva-se a 23.000 homens, sendo a duração do serviço de 6 anos no exercito regular e 5 na landwer, passando todos á landsturm na idade de 40 anos.

Este contingente fornece uns 125.000 homens para o exercito regular e cerca de 85.000 para a landwer.

A isto há que acrescentar as diferentes linhas de fortalezas que a Holanda possui e as posições fortificadas isoladas e obras de defesa nos numerosos diques dispersos por todo o territorio, que ligados com os multiplos canais e rios que em um dado momento podem provocar inundações, aumentam consideravelmente a capacidade defensiva dos holandeses, a ponto de não haver outro país na Europa que possua tantas vantagens naturais contra uma invasão.

## Inglaterra

**Aumento de soldo aos officiaes.** — Por decreto de 24 de novembro ultimo foi elevado o soldo dos officiaes ás cifras seguintes, em shllings e pences :

|   | 2. <sup>os</sup> tenentes |    | 1. <sup>os</sup> tenentes |    | Capitães |    | Capitães com mais de 3 anos de posto e 12 de serviço |    |
|---|---------------------------|----|---------------------------|----|----------|----|--|----|
|   | Sh.                       | P. | Sh.                       | P. | Sh.      | P. | Sh.  | P. |
| Escolta real . . . . .  | 8                         | 6  | 9                         | 6  | 13       | 6  | 14   | 6  |
| Cavalaria . . . . .   | 8                         | 6  | 9                         | 6  | 13       | 6  | 16   | 0  |
| Artilharia a cavalo . . . . .                                   | 9                         | 6  | 10                        | 6  | 15       | 6  | 18   | 0  |
| » de camp. <sup>a</sup> . . . . .                               | 8                         | 6  | 9                         | 6  | 13       | 6  | 14   | 6  |
| » » praça. . . . .  | 8                         | 6  | 9                         | 6  | 13       | 6  | 14   | 6  |
| Engenheiros . . . . .   | 8                         | 6  | 9                         | 6  | 13       | 6  | 18   | 6  |
| Inf. da guarda . . . . .  | 7                         | 6  | 8                         | 6  | 12       | 6  | 14   | 6  |
| Idem da Metropole e das colonias de Africa, India e Intendencia | 7                         | 6  | 8                         | 6  | 12       | 6  | 14   | 6  |

Officiais praticos :

|   | Cavalaria |    | Art. <sup>a</sup><br>a cavallo |    | Art. <sup>a</sup><br>de campanha |    | Art. <sup>a</sup><br>de praça |    | Engenheiros |    | Infantes |    |
|---|-----------|----|--------------------------------|----|----------------------------------|----|-------------------------------|----|-------------|----|----------|----|
|   | Sh.       | P. | Sh.                            | P. | Sh.                              | P. | Sh.                           | P. | Sh.         | P. | Sh.      | P. |
| 2. <sup>o</sup> tenente . . . . .   | 11        | 0  | 12                             | 0  | 10                               | 6  | 11                            | 0  | 11          | 6  | 10       | 0  |
| 1. <sup>o</sup> tenente . . . . .   | 11        | 0  | 12                             | 0  | 10                               | 6  | 11                            | 0  | 11          | 6  | 10       | 0  |
| 2. <sup>os</sup> e 1. <sup>os</sup> tenentes com<br>mais de 6 anos de ser-<br>viço. . . . . | 12        | 0  | 13                             | 0  | 11                               | 6  | 12                            | 0  | 12          | 0  | 11       | 0  |
| Capitães . . . . .  | 15        | 0  | 17                             | 0  | 14                               | 0  | 14                            | 0  | 14          | 6  | 14       | 6  |
| Capitães com 3 anos de<br>posto e 12 de serviço   | 16        | 0  | 18                             | 0  | 14                               | 6  | 14                            | 6  | 15          | 6  | 14       | 6  |

Os soldos do primeiro quadro serão concedidos tambem aos officiais da reserva e do exercito territorial que prestou os seus serviços nas unidades que se estão organizando.

**Criação de um corpo de ciclistas.**—Em vista das necessidades da actual campanha, o Ministerio da Guerra publicou a seguinte ordem relativa á criação de um corpo de ciclistas.

Todo o pessoal que faz parte das companhias de ciclistas affecto ás divisões, assim como aqueles que presentemente se estão instruindo neste serviço, passarão a depender do corpo de ciclistas que por esta disposição se creou, na qual poderão ingressar tambem quantos voluntarios desejem alistar-se pelo tempo que dure a guerra.

Os soldos dos individuos que formam esta nova unidade, serão os mesmos estabelecidos para os do seu proprio emprego nos regimentos de infantaria.

E' facultado aos comandantes de companhia fazer promoções até sargento, dentro das suas respectivas unidades.

Em breve serão publicadas instruções especiais referentes aos detalhes necessarios para o cumprimento desta disposição.

**Pensões ás familias dos mortos em campanha.**—O parlamento inglês acaba de aprovar uma escala de pensões para as viúvas e filhos dos soldados ou marinheiros mortos em campanha ou em consequencia de ferimentos ou enfermidades nela contraídos, sempre que o falecimento tenha lugar dentro dos sete anos seguintes á data em que o ferimento ou enfermidade tenha sido contraída.

As cifras a que se elevam estas pensões por semana, são as seguintes :

| Classes na marinha<br>Classes no exercito | (a) |    | (b) |    | (c) |    | (d) |    | »   |    |
|---|-----|----|-----|----|-----|----|-----|----|-----|----|
|   | V   |    | IV  |    | III |    | II  |    | I   |    |
|   | Sh. | P. | Sh. | P. | Sh. | P. | Sh. | P. | Sh. | P. |
| Viúvas com 4 filhos. . . . .              | 20  | 0  | 20  | 6  | 21  | 0  | 21  | 6  | 22  | 6  |
| » » 3 » . . . . .                         | 17  | 6  | 18  | 0  | 18  | 6  | 19  | 0  | 20  | 0  |
| » » 2 » . . . . .                         | 15  | 0  | 15  | 6  | 16  | 0  | 16  | 6  | 17  | 6  |
| » » 1 filho . . . . .                     | 12  | 6  | 13  | 0  | 13  | 6  | 14  | 0  | 15  | 0  |
| Sem filhos . . . . .                      | 7   | 6  | 8   | 0  | 8   | 6  | 9   | 0  | 10  | 0  |
| Por cada filho, além de 4. . . . .        | 2   | 0  | 2   | 0  | 2   | 0  | 2   | 0  | 2   | 0  |

As classes a que acima se faz referencia entendem-se na seguinte forma :

**Marinha**—Classe (a). Os do posto inferior aos compreendidos na alinea (b) e os cabos. Classe (b). Marinheiros de segunda com mais de três anos de serviço e cabos de mar. Classe (c). Marinheiros de primeira classe e sargentos. Classe (d). Marinheiros distintos.

**Exercito**—Classe V. Soldados. Classe IV, Cabos. Classe III. Sargentos. Classe II. «abanderados» Classe I. Brigadas.

Os filhos perceberão as pensões até á idade de 14 a 16 anos, conforme sejam varões ou femeas respectivamente. E para os orfãos de mãe, consistem em 5 schllings por semana para cada um dos três primeiros filhos e 4 schllings por cada um a mais de 3.

**Novas unidades de metralhadoras sobre automoveis.**—Por uma disposição recente do Ministerio da Guerra, foi creada uma bateria de metralhadoras montadas em automoveis para cada divisão da força expedicionaria. O pessoal destas baterias será recrutado entre os novos voluntarios ou por alistamento especial de individuos que reuñam determinadas condições.

O novo pessoal deste serviço passará a depender das unidades de artilharia a cavalo e de campanha, hoje organizadas, percebendo os mesmos soldos que os individuos da mesma categoria que actualmente prestam serviço nelas.

Os officiais que desejem prestar serviço como voluntarios nestas novas unidades solicita-lo-hão aos seus respectivos chefes.

**Recrutamento de officiais.**—Por uma ordem recente do ministerio da guerra é annunciada convocação especial para o ingresso nas Academias militares.

O numero de praças avisadas sobe a 125 na Academia de Woolwich (artilharia e engenharia) e a 300 em Sandhust (infantaria, cavalaria e administração militar).

Os limites de idade foram fixados em 16 a 25 anos para Sandhust e 17 a 25 para Woolwich.



Emquanto durar a mobilização, os cursos para os novos alunos terão a duração de 6 meses na artilharia e engenharia e de 3 a 6 nas outras armas.

Os alunos são presentemente dispensados de pagar propinas na ocasião da matricula nas Academias, mas não o são do pagamento das 35 libras esterlinas exigidas a cada aluno para despesas de uniforme, livros, etc.

O Estado abonará 3 schllings diarios por cadete, para atender ás despesas de manutenção e de lavagem de roupa.

A fim de estimular os aspirantes, são creados premios especiais para os 4 primeiros alunos de Woolwich e os 13 primeiros de Sandhust, consistindo em :

a) Díspeña do pagamento das 35 libras exigidas para despesas de uniforme, livros, etc.

b) Uma gratificação de 15 libras para equipamento.

c) Outra de 57 libras e 10 schllings, a receber após a guerra se então os officiais desejarem continuar no exercito regular.

## Japão

**Novo material de artilharia.**—Na Escola de tiro de Iotsukaido teem-se efectuado experiencias com as novas peças de artilharia. Duas baterias ligeiras e uma de montanha fizeram fogo contra uma posição fortificada a 3.000<sup>m</sup> de distancia. Os arbitros consideraram que pouco tempo depois de romper o fogo a posição éra insustentavel.

O resultado do tiro efectuado com as novas peças parece ser completamente satisfatorio.

O novo canhão de montanha é de pequeno calibre, mas a sua eficacia não é inferior á da peça de campanha empregada pelos japoneses na ultima guerra.

A peça, que é dotada de escudo, pode disparar 10 tiros por minuto ; é mais ligeira e pode-se desmontar para ser transportada a dorso.

## Varias

**A aviação na guerra.**—Entre as nações beligerantes da Europa estão distribuidos cerca de 5.000 aeroplanos militares e 109 dirigiveis, muitos deles couraçados e munidos de canhões aereos, aparelhos para lançar bombas e outros artificios de destruição.

Os ultimos progressos em aerostação foram cuidadosamente occultos nos diferentes países, e as unicas noticiais officiais publicadas datam do ano de 1912. Mas segundo informações officiais reservadas que merecem toda a confiança, os efectivos da aviação com que cada um conta, podem ser considerados como se segue :

França—1.800 aeroplanos militares e 500 de procedencia civil, 12 dirigiveis de cerca de 120<sup>m</sup> de comprimento, 14 de menos de 90 e 5 de propriedade particular. Total, 31.

Alemanha—600 aeroplanos militares e 400 de propriedade particular, 12 Zeppelins, de comprimento variavel entre 90 e 120 metros e 23 dirigiveis doutros tipos.

Russia—800 aeroplanos militares, 150 particulares e 16 dirigiveis de diferentes modelos, a maior parte de comprimento inferior a 76 metros.

Inglaterra—200 hidroplanos, 300 aeroplanos militares e 300 de procedencia particular, 15 dirigiveis, a maior parte dos quais adquiridos nos ultimos 12 meses.

Austria—350 aeroplanos, dos quais 250 adquiridos depois de rôtas as hostilidades, 10 dirigiveis, a maior parte com menos de 90<sup>m</sup> de comprimento.

Belgica—80 aeroplanos, dos quais metade foram adquiridos depois de começada a guerra, e 2 dirigiveis, um de tamanho medio e outro pequeno.

Servia—40 aeroplanos e nenhum dirigivel.

**As feridas produzidas pela granada com balas.**— A revista norte-americana *Military Surgeon* publica um extracto de um artigo intitulado «Onze meses de cirurgia de guerra» que por o considerarmos de interesse, abaixo o transcrevemos.

O maximo efeito da granada com balas obtem-se quando as explosões se dão á altura de 10 e 20 metros por cima da cabeça dos soldados, visto que a maiores alturas, como as balas perdem a sua velocidade muito mais depressa que os projecteis de espingarda, um ligeiro obstaculo é sufficiente, muitas vezes, para proteger contra elas.

A primeira manifestação das lesões produzidas por este projectil é a contusão, a qual se apresenta na metade dos casos. Mas se a velocidade das balas fôr maior, então penetra nos tecidos, abrindo um orificio de forma circular e de maiores dimensões que o produzido pelo projectil de espingarda, chegando até a perfurar os ossos nos casos de maxima eficacia.

Em uns 40 % dos ferimentos produzidos por estas balas manifestou-se infecção, mas observou-se que esta é mais facil de atalhar do que quando se trata de ferimentos de bala.

**Ambulancias automoveis.**— A tracção mecanica revolucionou de certo modo o aspecto da guerra moderna, não só no que se refere ás operações activas, mas ainda, e muito principalmente, com respeito aos serviços auxiliares.

O tratamento e cuidado dos feridos é um dos serviços que mais tem ganho com o motor de explosão.

Em França, por exemplo, e na zona compreendida entre a fronteira belga e Paris, onde as pontes foram destruidas e o serviço de caminhos de ferro não pode estar bem organizado para o transporte de doentes e feridos, as ambulancias automoveis prestaram grandes serviços.

Por outro lado, devido ao grande alcance da artilharia moderna, os hospitais de sangue tiveram que ser estabelecidos pelo menos a 12 milhas á retaguarda dos exercitos, e é evidente que a maior rapidez que o automovel proporciona na evacuação de feridos traduz-se em uma melhor assistencia, que de certo evitará as frequentes infecções que a demora no curativo acarreta.

Apesar disso, o tétano tem já sido muito frequente por não se ter podido tratar a tempo os feridos inspeccionados.

A Inglaterra está actualmente construindo centenas de automoveis para este serviço, em vista do que a opinião publica se mostra partidaria de que a tracção mecanica, em todas as suas manifestações, é muito conveniente para o exito de um exercito em campanha.

Esta é uma das grandes lições que já nos oferece a presente guerra.

## BIBLIOGRAFIA

## I — LIVROS

## França

- 1 FERRIS (commandant L.). *Artillerie automobile*. Le tracteur Chatillon-Panhard à adhérence totale. Avec 7 figures et 2 planches hors texte. In-8, 36 p. Berger-Levrault. Paris.
- 2 FRISCH (colonel R. J.). *La Guerre dans les Vosges et en moyenne montagne*. Principes et données pratiques. Petit in-16, 128 p. avec fig. 1914. Berger-Levrault. Paris.
- 3 GLÜCK (capitaine). *L'Artillerie française en face de l'artillerie lourde allemande*. In-8, 83 p. 1914 (27 juin). Marc Imhaus et René Chapelot. Paris  
Fr. 2
- 4 GORY (colonel). *Les Soldats de 1870*. In-8, 112 p. 1914 (1<sup>er</sup> juillet). Marc Imhaus et René Chapelot. Paris  
Fr. 1,75
- 5 *Instruction sur l'organisation du tir réduit par armes de huit millimètres approuvée par le ministre de la guerre le 18 février 1902* Edition mise à jour le 15 mars 1913. In-32, 72 p. avec fig. 1914 (27 juin). Imprimerie nationale. Paris.
- 6 COUSTÉ (colonel). *Une foulée de galop de course*; 2<sup>e</sup> édition augmentée d'une étude sur les fonctions et le modèle de l'arrière-main. Réponses à la critique. In-8, 85 p. avec figures. 1914. Henri Charles-Lavauzelle. Paris.
- 7 *Emplacement des troupes de l'armée française* avec indication des chefs de corps, suivi du répertoire alphabétique des garnisons de France, d'Algérie et de Tunisie. 25 juin 1914. In-8, 80 p. 1914. Henri Charles-Lavauzelle. Paris  
Fr. 1,50
- 8 MINGAT (capitaine H.), *Des obligations militaires imposées aux hommes des réserves en temps de paix et en cas de mobilisation*. Petit manuel pour servir à l'instruction théorique des hommes du service actif et des hommes convoqués pour accomplir des périodes d'exercices. In-12, 55 p. Henri Charles-Lavauzelle. Paris  
Cent. 85
- 9 TURENNE (maréchal de). *Mémoires du maréchal de Turenne*, publiés pour la Société de l'histoire de France, d'après le manuscrit autographe appartenant à M. le marquis de Talhouët Roy; par Paul Marichal. T. 2. 1654-1659. In-8, LXVIII-456 p. avec fac-similés d'autographes. H. Laurens. Paris. 1914  
Fr. 9
- 10 *Réglement de manœuvre de l'artillerie à pied*. Artillerie de siège et de place. Instruction sur les services de l'observation et des transmissions

dans l'artillerie à pied. Annexe 1: Echelles: Observatoires de siège et place. Approuvé par le ministre de la guerre, le 10 décembre 1912. In-12, 54 p. avec fig. 1914 (17 juillet). Impr. nationale. Paris.

Ministère de la guerre.

- 11 *Règlement sur le service des gardiens de batterie dans les ouvrages de fortification de terre et de cote*. Approuvé par le ministre de la guerre, le 8 mai 1912. In 32, 39 p. 1914. (17 juillet). Impr. nationale. Paris.

Ministère de la guerre.

- 12 *Avancement dans l'armée*. Tableau d'avancement et de concours. Volume arrêté à la date du 2 mai 1914. In-8, 214 p. 1914. Henri Charles-Lavauzelle. Paris Fr. 1,75

•Bulletin officiel du ministère de la guerre». Édition méthodique, n.º 22. bis.

- 13 *Nouvelles (les) Pièces de l'artillerie allemande, avec trois figures dans le texte*. Petit in-8, 26 p. Berger-Levrault. Paris. 1914.

Extrait de la «Revue d'artillerie», novembre 1912—décembre 1913.

- 14 OBELLIANNE ET SOGNET. *L'Exécution du service de santé en campagne*. Avec préface de M. le médecin-inspecteur Schneider. 1914. In-16, 96 p. ancienne impr. Vagner, 3, rue du Manège. Nancy.

- 15 *Règlement de manœuvre d'infanterie du 20 avril 1914*. Titre I Principes généraux et Méthodes d'instruction. Titre II. Ecole du soldat. Titre III. Ecole de section. Titre IV. Ecole de compagnie et des unités plus fortes. Titre V. L'Infanterie au combat. Annexe. In-16, xxiv 136 p. 1914. Berger-Levrault. Paris Fr. 1,75

Ministère de la guerre.

- 16 *Règlement de manœuvre de l'artillerie à pied*. Bases générales de l'instruction. Instruction à pied. Approuvé par le ministre de la guerre le 9 janvier 1912. (Volume commun à toutes les troupes de l'artillerie à pied). Mis à jour avril 1914. In-16, 114 p. avec fig. 1914. Berger-Levrault. Paris Fr. 1,25

Ministère de la guerre.

- 17 *Règlement sur l'instruction du tir de l'infanterie* approuvé par le ministre de la guerre le 31 août 1905 (à jour au 30 avril 1912). In-12, 83 p. (27 juin 1914). Marc Imhaus et René Chapelot. 1912. Paris Cent. 60  
Ministère de la guerre.

## Italia

- 1 GAPASSO (G). *Dandolo, Morosini, Manara e il primo battaglione dei bersaglieri lombardi nel 1848-49*. Casa Editrice L. F. Cogliati, Milano. 1914 L. 4,50

## Inghilterra

- 1 *Government Publications* :

|   |    |
|---|----|
| MILITARY. <i>The Army Review</i> . Vol. 7, No 2, October, 1914  | 1/ |
| — <i>Bermuda Militia Artillery Regulations</i> , 1914   | 9d |
| — <i>Company Training Notes</i> . For Use of the Special Reserve, Territorial Force and Newly-raised Units of the Regular Army. September, 1914 | 1d |

- *Equipment Regulations for the Army*. Part 2.—Section XA. *Engineer Details* 2d
- *Ditto*. Part 2.—Section XD. *Divisional Signal Company* 2d
- *Ditto*. Part 2.—Section XF. *Headquarters Signal Units* 2d
- *Ditto*. Part 2.—Section XH. *Signal Squadron* 2p
- *Ditto*. Part 2.—Section XIIA. *Royal Garrison Artillery* 2/6
- *Field Service Manual. Royal Engineers. Field Squadron. Expeditionary Force*. 1914 3d
- *Garrison Artillery Training*. Vol. 1, 1914 6d
- *Gun Drill for 5 inch B. L. Howitzer*. 1912 1d
- *Gun Drill for 4.5-inch Q. F. Howitzer*. 1914 1d
- *Amendments to Handbook for 303-inch and 303-inch converted Maxim Machine Guns*, 1911 1d
- *Amendments*, No. 1, to 303-inch Machine Guns and *Small Arms* (revised ed., 1913) 1d
- *Lists of Military and Other Terms which occur in Orders*: for use in Army Schools and Generally throughout the Army 2d
- *Medical Corps Royal Army Standing Orders*, 1914 1/
- *Recruiting for the Regular Army and the Special Reserve Regulations*. 1912. Reprinted with Amendments to 31st August, 1914 3d
- ADMIRALTY. *Supplement*. No. 2 1914, to the *Mediterranean Pilot*, Vol. 3. 4th ed. 1908. *Gratis to Purchasers of Mediterranean Pilot*, Vol. 3.
- *Supplement*. 1914, to the *South Indian Ocean Pilot*. 3rd ed. 1911. *Gratis to purchasers of South Indian Ocean Pilot*.
- *King's Regulations and Admiralty Instructions*. Vol. 2. 1914 1/6
- 2 *Active Service Hints*. A Campaigner's Tips for the Bivouac, Camp, and Trenches. 12mo, pp. 90. *Temple Press* net 6d
- 3 ADAMS (Morley) *Camping and Pioneering*. Illustrated. (Books for Scouts). Cr. 8vo, pp. 104. *H. Frowde* 1/
- 4 ADAMS (Morley) *Scouts' Handicrafts*. Illustrated, (Books for Scouts). Cr. 8vo, pp. 104. *H. Frowde* 1/
- 5 ADAMS (Morley) *What a Scout Should Know*. Illustrated. (Books for Scouts). Cr. 8vo, pp. 104. *H. Frowde* 1/
- 6 *British Navy from Within* (The) By «Ex Royal Navy». Cr. 8vo, pp. 200. *Hodder & S.* net 2/6; swd., net 2/
- 7 *Complete Scout* (The) Edited by Morley Adams. Illustrated. Cr. 8vo, pp. 296. *H. Frowde* 2/6
- 8 FRENCH'S (Sir John) *Despatches. Official Story of Mons, the Marne, and the Aisne*. Illustrated by specially drawn War Maps. (The «Graphic» Special, No. 1). Cr. 8vo, pp. 47. *The Graphic* net 6d
- 9 FULLER (Captain J. F. C.) *Training Soldiers for War*. 12mo, pp. 123. *Hugh Rees* net 2/
- 10 *Great Battles of the Great War* (The) 8vo, swd., pp. 186. *Hodder & S.* net 1/
- 11 HALL (Cyril) *Moderne Weapons of War, by Land, Sea and Air*. Illustrated. Cr. 8vo, pp. 192. *Blackie* 2/6
- 12 HARRISON (A.) *The Kaiser's War*. With an Introduction by Frederic Harrison. Cr. 8vo, pp. 251. *Allen & Unwin* swd., net 2/; cloth, net 2/9

- 13 INGPEN (Roger) *The Fighting Retreat to Paris*. («Daily Telegraph» War Books). 12mo, pp. 192. Hodder & S. net 1/
- 14 N. C. O.'s *Musketry Small Book*. 5th ed. 12mo, pp. 157. W. H. Smith & Son net 1/6
- 15 ROBINSON (Ernest H.) *Rifle Training for War*. Illustrated. 16mo, pp. 96. Cassell net 1/
- 16 VIVIAN (E. C.) *With the Royal Army Medical Corps at the Front*. («Daily Telegraph» War Books). 13mo, pp. 180. Hodder & S. net 1/
- 17 WYETH (J. A.) *With Sabre and Scalpel*. The Autobiography of a Surgeon. 8vo. Harper net 12/6
- 18 ASHTON (Harold) *First from the Front*. Cr. 8vo, pp. 168. Pearson net 2/6
- 19 BAGGS (Thos. A.) *Back from the Front*. An Eye-Witness's Narrative of the Beginnings of the Great War, 1914. Cr. 8vo, swd., pp. 128. F. & C. Palmer net 1/
- 20 *Boy Scout Tests and How to Pass Them*. Revised and enlarged ed. Cr. 8vo, swd., pp. 682. J. Brown net 1/6
- 21 BUIST (H. Massac) *Aircraft in the German War*. Illustrated. 12mo, pp. 128. Methuen net 1
- 22 GUERRE (La) A. D. 1914. *A Sketch of Leading Articles culled from the French and Belgian Newspapers*. With Notes on the Idiomatic Expressions by Taylor Dyson. Cr. 8vo, pp. 126. Boards. G. Gill 10d
- 23 JANE (Fred T.) *Your Navy as a Fighting Machine*. Cr. 8vo, swd., pp. 118. F. & C. Palmer net 1/
- 24 KIRKPATRICK (John) *War Studies*. (1) *Root Causes of the War*. (2) *Peace with Honour*. Cr. 8vo, swd. Black 3d
- 25 THURSFIELD (J. R.) *The Navy and the War*. (Oxford Pamphlets). Cr. 8vo, swd. H. Milford net 2d
- 26 TREITSCHKE; *The Organization of the Army*. Cr. 8vo, pp. 64, swd. Gowans & Gray net 6d
- 27 YOUNG (Geoffrey Winthrop) *From the Trenches, Louvain to the Aisne, the First Record of an Eye-Witness*. Cr. 8vo, swd., pp. 318. Unwin net 2/
- 28 ASHTON (Harold) *First from the Front*. Cr. 8vo, pp. 167. Pearson net 2/6
- 29 COLIN (J.) *France and the Next War*. A French View of Modern War. Cr. 8vo, pp. 318. Hodder & S. swd., net 2/; net 2/6
- 30 CORNFORD (L. Cope) *Echoes from the Fleet*. Cr. 8vo, pp. 264. Williams & N. boards, net 2/; net 2/6
- 31 JACKSON (Murray Cosby) *A Soldiers's Diary*. South Africa, 1899-1901. Illustrated. New ed. Cr. 8vo, pp. 378. M. Goschen net 3/6
- 32 KNIGHT (W. S. M.) *The History of the Great European War: Its Causes and Effects*. Vol. 1. 8vo, pp. 210. Caxton Pub. Co. net 8/6
- 33 MAYCOCK (F. W. O.) *The Invasion of France, 1814*. (Special Campaign Series). Cr. 8vo, pp. 254. G. Allen net 5/
- 34 MONK (M. G.) *The New Company Drill at a Glance*. 16mo, swd. L. U. Gill net 6d
- 35 NASH'S *War Manual*. Cr. 8vo, pp. 350. Nash net 2/

- 36 SAKURAI (Tadayoshi) *Human Bullets. A Soldier's Story of Port Arthur*. Popular ed. Cr. 8vo, pp. 286. Constable swd., net 2/; 2/6
- 37 SCHLICHT (Baron Von) *Life in a German Crack Regiment*. 4th ed. Cr. 8vo, limp. pp. 320 Unwin net 1/
- 38 *Wars of the Nineteenth Century*. By Various Authors. Reproduced from the 11th ed. of the «Encyclopædia Britannica», 8vo, pp. 264. Camb. Univ. Press. net 2/6
- 39 WATSON (A. R.) *Golden Deeds on the Field of Honour*. Cr. 8vo. Macmillan net 2/
- 40 WEBSTER (F. A. M.) *Britain in Arms*. All about the Military Forces of the British Empire. Cr. 8vo, pp. 320. Sidgwick & J. swd., net 1/; 2/

## II — PERIODICOS

### Portugal

- 1 *Anais do Club Naval*, n.º 1 de janeiro de 1915. Os submarinos. As novas canhoneiras do tipo «Beira». Exposição sobre umas tabuas para o calculo, sem interpolações, do angulo no polo e no zenith Três meses de guerra naval. Os acontecimentos navais da actual conflagração.
- 2 *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, n.ºs 9 a 11 de setembro a novembro de 1914. Memorias d'África. Colonias portuguesas em países estrangeiros. Ideias, factos e homens.
- 3 *O Instituto*, n.º 1 de janeiro de 1915. Documentos pombalinos (1777-1782). O Fausto de Goethe. Juizes!... Breve confronto entre a cinematica e a dinamica. Memorias de Carnide. Artes e industrias metalicas em Portugal — Relojoaria.
- 4 *Revista de artilharia*, n.º 127 de janeiro de 1915. A instrucção das unidades de artilharia da defesa terrestre de Lisboa. O telemetro. Artes para baterias de Costa. A guerra europeia — Diario de guerra

### Argentina

- 1 *Revista militar*, n.º 264 de janeiro de 1915. Los trabajos geodesicos del Instituto geografico militar. Unidad de doctrina y reglamentos. Estaciones radiotelegraficas Marconi. Teatro oriental de la guerra.

### Chile

- 1 *Memorial del Estado mayor del ejercito do Chile*, n.º de janeiro de 1915. Cuestiones militares. Informaciones sobre la guerra Turco-Balkánica. La guerra turco-balkánica. El servicio del Tren del ejercito — Su organización en la paz i sus formaciones en tiempo de guerra. Algunas consideraciones sobre enfardamiento. Directiva para la instruccion del batallon. Como se organizarian los trenes i columnas de una Division de Ejercito movilizada.
- 2 *Revista de marina*, n.º 343 de janeiro de 1915. Jeneralidades sobre los hidroplanos, como auxiliaadores de la flota i defensa de las costas. Defensa de la costa. Guerra naval. Zona de ataque. Apuntes sobre navegacion.

## Espanha

- 1 *Informacion militar del extranjero*, n.º 1 de janeiro de 1915. Noticias del extranjero Sección bibliografica.

## Estados- Unidos

- 1 *Journal of the United States artillerie*, n.º 131 de janeiro-fevereiro de 1915. Notes on direct fire. The service of security and information in coast defense. A spotter's card and a dangerspace correction card. A mortar battery commander's chalking board. The belcher slow-motion elevating device for 12-inch barbette guns. To locate open breaks in single or multiple conductor cable.

## Italia

- 1 *Rivista di cavalleria*, n.º de 15 de janeiro de 1915. Forza numerica degli Ufficiali dell'Arma di Cavalleria. Da un Mese all'Altro. L'Esercito turco. L'allenamento del cavallo de corsa. La cavalleria nelle due guerre balcaniche. Una solenne cerimonia. Annotando «Waterloo (1815)».

## Mexico

- 1 *Boletin de ingenieros*, n.º 5 de dezembro de 1914. Tendencias de la física moderna. La posición fortificada de Amberes. Temas técnicos. La telegrafia sin hilos: sus pros y sus contras. La caballeria, apoyo de la artilleria. Una teoria sobre explosiones de calderas. Estudios sobre medidores de agua. La guerra del Polo frances.

## Romania

- 1 *Romania militara*, n.ºs de novembro e dezembro de 1914. Cronica. Cun trebuese judecate operatiunile militare din actualul razboin. Impresii si note din campania anului 1913 Belgia pentur tot deauna independenta. Cun apreciozã Bulgarii pa vecinii lor. Rezumatul operatiunilor austro-serbe. Actintatea desfesurata intr's statiune de etapa. Din literatura militara bulgara.

## Uruguay

- 1 *Revista del Centro militar y naval*, n.º 129 de janeiro de 1915. Arriba, corazones! Los ridentes. La gran guerra. Estado y situación de los beligerantes el 4 de enero. Batallones escolares. Más, a proposito del decreto de militarización. Servicio de sanidad en el ejercito alemán. Sobre tiro. Notas de la guerra. Notas y comentarios de la guerra europea. Camaradas fallecidos. Muerte de un ilustre marino argentino. A nuestros camaradas. Notas locales.